

MÍDIAS, CULTURA e COMUNICAÇÃO

Sociedade e Memória

Resiane Silveira (org)

Volume
3
2021



Editora
MultiAtual

MÍDIAS, CULTURA e COMUNICAÇÃO

Sociedade e Memória

Resiane Silveira (org)



Volume
3
2021



Editora
MultiAtual

© 2022 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Organizadora

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587m Silveira, Resiane Paula da
Mídias, Cultura e Comunicação: Sociedade e Memória - Volume 3 /
Resiane Paula da Silveira (organizadora). – Formiga (MG): Editora
MultiAtual, 2022. 106 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89976-57-8

DOI: 10.5281/zenodo.6607633

1. Mídias. 2. Cultura. 3. Comunicação. 4. Sociedade. 5. Memória. I.
Silveira, Resiane Paula da. II. Título.

CDD: 302.23

CDU: 383/38

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os
fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.editoramultiatual.com.br/2022/06/midias-cultura-e-comunicacao-sociedade.html>



autores

Andréa Pereira dos Santos

Arthur Henrique Lux

Claudilene Castro de Lima

Daiana de Moura Etcheverria

Daniela Llopart Castro

Giovanna Loureiro Abbate

Larissa Andrade Batista Cavalcanti

Naason Galdino da Silva Neris

Natalia Cristina de Camargo

Vítor Neves de Oliveira

Viviane Maia Vilas Boas

APRESENTAÇÃO

Se olharmos para a origem do latim, mídia é uma adaptação do plural de “medium”, que significa “meio”. No entanto, seu uso hoje vai muito além dessa ideia e envolve uma utilização ampla. O conceito como conhecemos hoje foi cunhado por Marshall McLuhan. O professor e intelectual chegou a definir a mídia como “uma extensão de nós mesmos” e argumentou que deveria ser uma ferramenta confiável e usada até como uma expressão de arte.

Ele também disse que as mídias amplificam ou aceleram processos já existentes, mudam a escala de associação e que vão muito além do conteúdo. Para ele, inclusive, o meio determina a mensagem — e não o contrário. O universo midiático abrange uma série de diferentes plataformas que agem como meios para disseminar as informações, como os jornais, revistas, a televisão, o rádio e a internet, por exemplo. A mídia está intrinsecamente relacionada com o jornalismo, mas também com outras especialidades da comunicação social, como a publicidade, a cultura. A propaganda também se apropria dos meios midiáticos para atingir os seus objetivos, visto que a mídia atinge e exerce uma enorme influência na vida dos indivíduos na contemporaneidade.

A Cultura está relacionada diretamente à geração do conhecimento e ao exercício do pensamento, que são valores essenciais para o desenvolvimento da sociedade. Assim, a cultura é importante na formação pessoal, moral e intelectual do indivíduo e no desenvolvimento da sua capacidade de relacionar-se com o próximo.

A Cultura é um dos principais elementos que constituem a identidade de um sujeito e sua inserção num povo, numa comunidade ou nação, é um elemento de coesão do grupo e distingue-os dos demais no mundo. As raízes culturais de um povo são primordiais para preservar suas origens, para afirmar sua identidade e seu pertencimento à sua região.

A obra “Mídias, Cultura e Comunicação: Sociedade e Memória - Volume 2” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área. Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Capítulo 1	
FORA DO QUADRO: A IMAGEM PÚBLICA DE BOLSONARO PELO JORNAL NACIONAL NA PANDEMIA DA COVID-19	8
Naason Galdino da Silva Neris Vítor Neves de Oliveira Viviane Maia Vilas Boas	
Capítulo 2	
COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E EDUCOMUNICAÇÃO: CONEXÕES	25
Larissa Andrade Batista Cavalcanti Andréa Pereira dos Santos	
Capítulo 3	
LEITURA E CULTURA – PROJETO DE FÉRIAS	45
Daiana de Moura Etcheverria	
Capítulo 4	
JORNALISMO GONZO NA SÉRIE DOCUMENTAL CASAMENTOS EXTREMOS: O JORNALISTA COMO NARRADOR PERSONAGEM	50
Giovanna Loureiro Abbate	
Capítulo 5	
SARAU DANÇANTE: VERSOS E PROSAS NUMA POÉTICA TEÓRICO-PRÁTICA DE CORPOS MADUROS EM CENA	70
Claudilene Castro de Lima Natalia Cristina de Camargo Daniela Llopart Castro	
Capítulo 6	
IDENTIDADE, PRIVACIDADE E SOCIALIZAÇÃO: REVOLUÇÕES CULTURAIS DO TEMPO PRESENTE	84
Arthur Henrique Lux	
OS AUTORES	104

The background is a dark blue gradient. On the left side, there is a stylized globe showing the continents of North and South America. Overlaid on the globe and the entire background is a network of glowing white lines and dots, resembling a digital or global communication network. The dots are of varying sizes and brightness, and the lines connect them in a complex web pattern.

Capítulo 1

**FORA DO QUADRO: A IMAGEM PÚBLICA
DE BOLSONARO PELO JORNAL NACIONAL
NA PANDEMIA DA COVID-19**

Naason Galdino da Silva Neris

Vítor Neves de Oliveira

Viviane Maia Vilas Boas

FORA DO QUADRO: A IMAGEM PÚBLICA DE BOLSONARO PELO JORNAL NACIONAL NA PANDEMIA DA COVID-19

Naason Galdino da Silva Neris

Graduado em Jornalismo pela PUC Minas e em Letras (Português/Inglês) pela UEG.

E-mail: nerisgaldino73@gmail.com

Vítor Neves de Oliveira

Analista de comunicação e pós-graduando em Comunicação e Marketing pela PUC

Minas. E-mail: vitor.oliver2458@gmail.com

Viviane Maia Vilas Boas

Professora, coordenadora do curso de Jornalismo do campus Coração Eucarístico e

chefe do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas. Mestre em

Comunicação Social pela UFMG. E-mail: vivianemaia@pucminas.br

Resumo: Este artigo pretende apresentar os enquadramentos predominantes propostos pelo Jornal Nacional em relação ao presidente Jair Bolsonaro durante a cobertura da pandemia da Covid-19. O JN é um dos mais antigos, premiados e relevantes produtos jornalísticos do país, com grande influência no debate público brasileiro. Sendo um produto de autoridade no campo televisivo, o Jornal Nacional pode influenciar uma parcela da população a partir do modo como o telejornal evidencia as notícias, destacando certos aspectos de uma realidade em detrimento de outros. A perspectiva teórica adotada compreende os enquadramentos noticiosos, entendidos como recursos responsáveis por destacar e enfatizar algumas informações, construindo uma determinada interpretação dos fatos. Além disso, foi discutido neste estudo a noção de imagem pública, caracterizada como a opinião de instituições, da mídia e da sociedade civil sobre outras pessoas, organizações e personalidades importantes. Seleccionamos sete edições transmitidas pelo JN em dias que o Brasil registrou marcas simbólicas de mortes. A análise de enquadramento se concentrou em dezenove notícias que citavam diretamente e indiretamente o presidente Jair Bolsonaro, a partir dos dispositivos de enquadramento metáforas, exemplos, slogans, representações e imagens visuais, acrescidos do dispositivo "tempo". Com base nos resultados da análise, foram identificados três enquadramentos predominantes: irresponsabilidade, isolamento e insensibilidade.

Palavras-Chave: Telejornalismo. Pandemia da Covid-19. Jair Bolsonaro. Jornal Nacional. Enquadramento noticioso.

Abstract: This article aims to present the predominant frameworks proposed by Jornal Nacional in relation to President Jair Bolsonaro during the coverage of the Covid-19 pandemic. JN is one of the oldest, most awarded and relevant journalistic products in the country, with great influence on public debate. As a product of authority in the television field, Jornal Nacional can influence a portion of the population from the way in which the news shows the news, certainly standing out from reality in other aspects. The theoretical perspective comprises the news frameworks, understood as resources responsible for highlighting and emphasizing some information, building a certain interpretation of the facts. In addition, the notion of public image was discussed in this study, characterized as the opinion of institutions, the media and civil society about other people, important organizations and personalities. We selected seven editions on days that Brazil recorded symbolic marks of deaths. The framing analysis focused on nineteen news items that directly and indirectly cited President Jair Bolsonaro, based on framing elements: metaphors, examples, slogans, representations and visual images, plus the device “time”. Based on the results of the analysis, three predominant frameworks were identified: irresponsibility, isolation and insensitivity.

Keywords: Television journalism. Covid-19 pandemic. Jair Bolsonaro. Jornal Nacional. News framing.

INTRODUÇÃO

O Jornal Nacional estreou em 1º de setembro de 1969 com o propósito de integrar a população brasileira por meio de um telejornal que fosse transmitido para todo o país. Para alcançar esse objetivo, a Rede Globo inaugurou, na época, a transmissão em rede nacional através do sistema de micro-ondas, possibilitando que o JN chegasse a mais de 56 milhões de brasileiros, a princípio, nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Porto Alegre.

Por meio do Jornal Nacional, os brasileiros assistiram aos principais acontecimentos políticos, econômicos e culturais do país das últimas cinco décadas. Nesse período, o JN tornou-se um dos mais importantes, longevos e premiados programas jornalísticos. O telejornal é líder de audiência no horário nobre da Rede Globo e possui um público consolidado entre os vários estratos da sociedade, sendo considerado um dos principais veículos responsáveis por influenciar a opinião pública.

Hoje quando o JN entra no ar, grande parte do público já está ciente da maior parte das notícias. Assim, ao invés de ser a primeira fonte de informação para milhões de pessoas, papel que desempenhou durante décadas, o telejornal organiza as notícias do dia em histórias com contexto, começo, meio e fim. Segundo Bonner, "é como se a divulgação de uma informação pelo JN representasse a necessária confirmação de sua veracidade, em um universo infinito de boatos e mensagens falsas

que chegam aos olhos e ouvidos de todos, no mundo inteiro." (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 65).

A partir dessas considerações, surge a motivação em compreendermos como a mídia atua na construção da imagem de figuras públicas. Partimos do pressuposto de que os meios de comunicação colaboram para a formação da imagem pública de personalidades, sem desconsiderar que vivemos em uma sociedade midiaticizada, fortemente marcada pela circulação de mensagens em rede. Esse ambiente, inclusive, foi determinante para a eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018 que, mesmo depois de eleito, continuou a recorrer às mídias sociais para divulgar suas ideias e conversar diretamente com seus seguidores, sem a mediação da imprensa.

Em 12 de março de 2020 o Ministério da Saúde registrou a primeira morte provocada pela Covid-19 no Brasil, época em que os meios de comunicação passaram a acompanhar ostensivamente a maior crise sanitária da história recente. A sociedade civil, ávida por notícias, estava atenta às ações adotadas pelos governantes, com base nas orientações da comunidade científica internacional.

Enquanto a maioria das nações seguiam as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelos órgãos sanitários locais, outras, como é o caso dos Estados Unidos e do Brasil, se posicionaram no sentido contrário.

O presidente Jair Bolsonaro, desde então, critica o isolamento social, provoca aglomerações e se recusa a usar máscara, minimizando os efeitos e a gravidade da doença que ele próprio classificou como "gripezinha". Além da postura contrária ao recomendado pelos órgãos de saúde, os ataques do presidente à mídia se intensificaram desde então. O presidente já se referiu à Rede Globo como "TV Funerária, corrupta, canalhas, imprensa porca, nojenta, jornalismo podre, imoral".

Nesse cenário conflituoso, as declarações e o comportamento do presidente, como também as reações de governadores, parlamentares, magistrados, profissionais da saúde e outras autoridades, se tornaram uma pauta importante no Jornal Nacional. Durante boa parte da crise sanitária, o telejornal ampliou seu tempo de duração e se dedicou majoritariamente à cobertura de temáticas relacionadas à pandemia de Covid-19.

Nessa perspectiva, esse trabalho buscou revelar os enquadramentos noticiosos propostos pelo JN durante a cobertura da gestão de Bolsonaro na pandemia, partindo do pressuposto de que a mídia colabora para a formação da imagem de figuras públicas. A noção de enquadramento noticioso pode ser entendida

como o ângulo da notícia, ou refere-se às escolhas feitas pelos jornalistas ao evidenciarem certos aspectos da realidade em detrimento de outros (PORTO, 2002).

Analizamos sete edições do Jornal Nacional em datas "emblemáticas", dias em que o país registrou marcas simbólicas¹ de mortes. Para compreendermos os enquadramentos propostos pelo JN, utilizamos as categorias de análise propostas por Gamson e Lash (1980) e Gamson e Modigliani (1989), que compreendem os dispositivos metáforas, exemplos, slogans, representações e imagens visuais, acrescidos do dispositivo tempo.

1. Bolsonaro: tensionamentos em rede

Jair Messias Bolsonaro construiu sua imagem pública pautada em ideias ultraconservadoras, como o armamento da população e o apreço à ditadura militar. O controverso processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff e os desdobramentos das investigações da Operação Lava Jato despertaram um sentimento nacional de insatisfação com o PT e com a política tradicional, contexto que contribuiu para alçar Bolsonaro como um representante dessas causas. De forma inédita, o político criou um posicionamento *outsider*, conversando "diretamente" via redes sociais com diversos setores.

Para Weber (2009, p. 20), imagem pública é a "opinião expressa de determinadas pessoas ou instituições sobre outras pessoas e instituições de projeção pública". Todos os personagens públicos são avaliados pela sociedade civil e por outros personagens públicos que criam no imaginário coletivo e individual uma ideia sobre a figura em questão. "[É] um processo de construções e desconstruções de verdades, realidades e de legitimidade, tanto de quem fala sobre si próprio, como sobre os próprios espelhos – mídias, espaços, palcos." (WEBER, 2004, p. 260). A autora salienta que uma imagem é interpretada de forma positiva ou negativa a depender da junção entre o imaginário popular, que pode ser ficcional, e a imagem real, tal como é. Portanto, a representação de uma imagem pública não é unânime, o que justifica, em alguma medida, a polarização em torno da figura do presidente.

¹ O termo refere-se aos dias em que o país registrou números significativos ou notáveis de óbitos em decorrência da Covid-19: 10 mil, 50 mil, 100 mil e assim por diante.

No processo de construção de uma imagem estão envolvidos a figura pública interessada, o público, responsável por assimilar a imagem construída, e os meios de comunicação, que mediam a concepção da imagem. Historicamente, o papel da imprensa na elaboração de imagens públicas pode ser decisivo para um reflexo positivo ou negativo de um ator político.

Jair Bolsonaro, entretanto, para ter maior controle sobre sua imagem, recorre, desde o período eleitoral, ao uso intenso das redes sociais digitais. No Instagram, o presidente possui pouco mais de 19 milhões de seguidores; no Facebook, mais de 14 milhões; e no Twitter, pouco mais de 7 milhões. Segundo Hjarvard (2015, p. 59), as novas mídias permitem que as figuras estejam em vários lugares ao mesmo tempo e aproximem suas relações com o público, favorecendo a imagem da figura pública, já que ela pode evidenciar características positivas e ocultar as negativas, o que representa, para o autor, "o exercício do controle social".

Outra parte importante da sua estratégia é a desqualificação constante do jornalismo. Nas redes sociais, o presidente realiza ataques à imprensa e aos seus inimigos políticos, através de opiniões, muitas vezes, sem qualquer compromisso com a verdade. De acordo com a agência Aos Fatos (2021)², em 1151 dias de governo, Bolsonaro deu mais de 4965 declarações falsas ou distorcidas e, apenas sobre o tema "coronavírus", foram mais de 2200 falas. Segundo Hjarvard (2012, p. 78-79), as figuras públicas podem definir como se relacionar nas redes virtuais e os fatos podem ser contados como bem quiserem.

A postura do presidente nos ambientes digitais gera identificação com parte dos usuários e contribui para a consolidação de sua imagem em determinados grupos. As mensagens que são compartilhadas possuem um alcance imensurável, colaborando para a propagação de mentiras e discursos de ódio. "Quanto mais a informação compartilhada se inscreve intermediaticamente nos interstícios da rede, mais visibilidade alcança e mais relevância adquire na construção social da realidade." (ALZAMORA, 2012, p. 53).

A desqualificação dos veículos de comunicação, chamando-os de mentirosos e corruptos, aumentou a disputa pela representação da imagem do presidente através de suas redes sociais digitais, principalmente entre ele próprio e o Jornal Nacional. Em junho de 2020, quando foi perguntado sobre o atraso na divulgação dos números

² Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 1 mar 2022.

de infectados e mortos pela Covid-19, Bolsonaro se manifestou favorável à decisão do Ministério da Saúde em publicar os boletins epidemiológicos da pandemia em novo horário, e afirmou que "agora acabou matéria no Jornal Nacional"³. Após essa fala, a Rede Globo e outros veículos de comunicação criaram um consórcio de imprensa para apurar e consolidar os dados das secretarias estaduais de saúde sobre o coronavírus a fim de divulgar o balanço de mortes e casos de Covid-19, sem depender dos rompantes do governo federal.

Em diversas ocasiões, o presidente e os seus apoiadores atacaram os profissionais da imprensa que trabalhavam na saída do Palácio da Alvorada, o que fez com que a Globo e outros veículos parassem de acompanhá-lo no local. Porém, as investidas contra os jornalistas não cessaram. Segundo a ONG Repórteres Sem Fronteiras, os ataques do presidente Bolsonaro à imprensa aumentaram 74% no primeiro semestre de 2021, comparado ao semestre anterior⁴.

A Rede Globo intensificou as críticas ao presidente no Jornal Nacional, enquadrando-o negativamente, em resposta aos ataques constantes de Bolsonaro. Reportagens veiculadas desde então evidenciam a falta de competência do presidente no enfrentamento à pandemia, condenam seus posicionamentos contrários às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), bem como seu discurso que não corresponde à realidade, como a indicação de medicamentos sem eficácia comprovada para o tratamento da Covid-19.

Em uma cobertura mais agressiva do que costuma fazer, criticando abertamente um presidente da República, o Jornal Nacional se mostra como um importante telejornal na construção da imagem pública de Bolsonaro, já que através da apresentação de enquadramentos negativos, como veremos a seguir, vem contribuindo em alguma medida para minar a sua aprovação perante a sociedade.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>. Acesso em: 20 jul 2021.

⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ataques-de-bolsonaro-a-imprensa-aumentam-74-em-2021/>. Acesso em: 29 jul 2021.

2. Enquadramentos propostos pelo Jornal Nacional

O conceito de enquadramento (*framing*) vem sendo amplamente utilizado para a compreensão do papel da mídia na política, como alternativa à abordagem da objetividade e complemento à teoria da *agenda-setting* (PORTO, 2002).

Devido à multiplicidade de usos do conceito de enquadramento, vários estudiosos buscaram classificar e organizar as pesquisas sobre o tema para estabelecer um marco teórico e conceitual mais claro e sistemático do paradigma no campo da comunicação. Porto (2002) sugere dois tipos de enquadramento: os enquadramentos interpretativos e os enquadramentos noticiosos.

Os enquadramentos noticiosos, abordagem utilizada nesta pesquisa, são entendidos como "padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos" (PORTO, 2002, p. 15). O autor destaca que uma particularidade dos enquadramentos noticiosos é o fato de que eles surgem a partir de escolhas feitas por jornalistas quanto ao formato das notícias no processo de seleção de determinados aspectos de uma realidade. Os enquadramentos organizam os textos noticiosos na medida em que destacam algumas informações e omitem outras que não validam o posicionamento de determinado telejornal.

Com o objetivo de entendermos como o Jornal Nacional enquadrava o presidente, foi preciso identificarmos a seleção de fontes e os recursos audiovisuais, linguísticos e corporais para representar Bolsonaro de determinada forma. "Trata-se de uma retórica oculta, implícita no texto jornalístico – incluindo-se o não verbal – que direciona a uma interpretação específica do fato noticiado". (CUNHA, 2005, p. 34).

Nesse processo de entender os enquadramentos propostos pelo JN, associamos o conceito de enquadramento noticioso (PORTO, 2002) e as categorias de análise empregadas por Gamson e Lash (1980) e Gamson e Modigliani (1989). Esses autores propõem a análise dos enquadramentos a partir dos chamados "pacotes interpretativos". Segundo Schaefer (2014, p.38), é por meio dos pacotes interpretativos que "os enquadramentos se manifestam nos textos midiáticos através de dispositivos simbólicos capazes de indicar para a audiência uma embalagem ou um significado específico do evento relatado".

Gamson e Modigliani (1989) propõem cinco dispositivos de enquadramento: "(1) as metáforas, (2) os exemplos (isto é, exemplos históricos a partir dos quais lições são extraídas), (3) os slogans, (4) as representações e (5) as imagens visuais (por

exemplo, ícones)." (GAMSON; MODIGLIANI, 1989, p. 3)⁵. Além disso, acrescentamos às categorias o dispositivo tempo das notícias e duração das edições.

Selecionamos sete edições veiculadas pelo JN, e analisamos as notícias que relacionaram o presidente Bolsonaro à pandemia da Covid-19. Escolhemos edições transmitidas nas datas em que o país atingiu marcas simbólicas de óbitos.

Quadro I - Listagem de edições analisadas⁶

Data da edição do Jornal Nacional	Marca de mortes ultrapassada devido à Covid-19	Quantidade de notícias analisadas
25/03/2020	50	9
09/05/2020	10.000	1
20/06/2020	50.000	1
08/08/2020	100.000	3
07/01/2021	200.000	1
24/03/2021	300.000	3
29/04/2021	400.000	1

As sete edições mencionadas acima abrangem um período ampliado de tempo, de um ano, com edições nos meses de março, maio, junho, e agosto de 2020 e janeiro, março e abril de 2021, evitando-se uma concentração em um período menor.

Com base nos resultados da análise, identificamos três enquadramentos predominantes: enquadramento de irresponsabilidade, isolamento e insensibilidade.

⁵ The five framing devices are (1) metaphors, (2) exemplars (i.e., historical examples from which lessons are drawn), (3) catchphrases, (4) depictions, and (5) visual images (e.g., icons).

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/t/MyCrVrr6gW/>. Acesso em: 29 abr 2021.

2.1 O presidente irresponsável

O enquadramento de irresponsabilidade proposto pelo Jornal Nacional compreende o exercício do poder político e a influência do Chefe do Executivo que podem ter agravado a pandemia do coronavírus no Brasil. Os temas recorrentes destacados na maioria das notícias do JN sobre Bolsonaro referiram-se às declarações contrárias do presidente ao isolamento social e ao *lockdown*, à defesa da hidroxicloroquina e de outros medicamentos como tratamento profilático, sem eficácia científica comprovada, e à má gestão do governo no enfrentamento da pandemia. Esses assuntos veiculados sobremaneira no Jornal Nacional contribuíram para caracterizar Bolsonaro como um político irresponsável.

O telejornal trouxe declarações de representantes influentes do país como uma tentativa de enfraquecer o discurso negacionista do presidente e expor a conduta irresponsável de Bolsonaro, estratégia utilizada também para isolar o presidente, como será apontado a seguir. Em uma das notícias da edição de 25 de março, quando o Brasil ainda tinha registrado 50 mortes por Covid-19, o JN ouviu nomes importantes do meio político. Davi Alcolumbre, então presidente do Senado, disse que "o país precisa de uma liderança séria, responsável e comprometida com a vida e a saúde da sua população". Num vídeo divulgado pelo JN, Felipe Santa Cruz, presidente da Ordem de Advogados do Brasil, afirmou que "é inaceitável que o presidente da República utilize os meios de comunicação da própria Presidência para desinformar e deseducar, contradizendo as autoridades de saúde do seu próprio governo".

Em inúmeras notícias, o Jornal Nacional qualificou Bolsonaro como uma pessoa sem qualquer preparo para ocupar o cargo para o qual foi eleito. Quando o Brasil ultrapassou a marca de 50 mil (20/06/20) e 100 mil (08/08/20) mortes pela Covid-19, em umas das raríssimas vezes, o JN apresentou, em cada edição, um editorial.

No primeiro editorial, Bonner e Renata chamaram a atenção do público para o número expressivo de vidas ceifadas que, naquele momento, ultrapassava 50 mil mortos, relataram o que esse quantitativo representava na história do país e criticaram a omissão de uma parte da sociedade que não estava respeitando as medidas preventivas contra o coronavírus. "[...] a história vai registrar também aqueles que se omitiram, os que foram negligentes, os que foram desrespeitosos. A História, atribui glória, e atribui desonra, e História fica pra sempre".

As representações e metáforas utilizadas no editorial foram uma resposta à má-gestão de algumas autoridades do país, em especial a do chefe do Executivo em relação às críticas ao isolamento social, ao negacionismo, às outras medidas sanitárias propostas pela OMS e pelas secretarias estaduais de saúde no combate do coronavírus e, por fim, ao desejo de reabrir o comércio, como estratégia fundamental para o crescimento da economia.

Na edição do dia 08 de agosto, o Jornal Nacional iniciou apresentando o número de mortes pela pandemia, com imagens de algumas vítimas sendo exibidas no telão ao fundo do cenário.

No editorial, citando a Constituição Federal, o JN responsabilizou Bolsonaro como o principal culpado pelo crescimento vertiginoso de mortes no Brasil, devido, sobretudo, à postura negacionista e irresponsável do presidente. O JN questionou quem dos representantes cumpriu o artigo 196 da Carta Magna, propondo aos telespectadores uma reflexão: "A pergunta que se impõe é: o presidente da República cumpriu esse dever? Entre os governadores e prefeitos, quem cumpriu? Quem não cumpriu?".

Os slogans utilizados pelo telejornal ("Todo cidadão brasileiro tem o direito à saúde"; "ninguém está acima da lei") retrataram o teor do editorial: o direito inerente à saúde deve ser garantido pelos representantes e, caso não seja, estes devem ser responsabilizados.

Os âncoras destacaram inúmeros discursos e pronunciamentos que Bolsonaro proferiu durante a pandemia, sobretudo declarações que desqualificaram as medidas preventivas contra o coronavírus ou minimizaram a gravidade da situação, como quando Bolsonaro disse que "não era coveiro", fala repetida duas vezes pelo Jornal Nacional.

Neste enquadramento, o JN, por meio da veiculação das reações de políticos, magistrados e do próprio telejornal, caracterizou Jair Bolsonaro como um presidente negligente, imprudente e irresponsável. Essa estratégia usada pelo jornal teria o intuito de desqualificar o presidente e expor a má gestão do governo.

2.2 O presidente isolado

O enquadramento observado está relacionado à veiculação de posicionamentos de fontes selecionadas pelo JN e declarações do próprio Jornal,

opostos aos discursos do presidente, e ao apagamento gradual da imagem de Bolsonaro. O enquadramento em questão caracterizou Bolsonaro como um político *sui generis*, "do contra", com discursos antagônicos aos de profissionais da saúde, às recomendações da OMS e da maior parte das instituições e membros da sociedade civil sobre a pandemia da Covid-19.

Quando o Brasil ultrapassou 50 mortos, em março de 2020, o telejornal exibiu uma notícia que apresentou posicionamentos de médicos, especialistas em saúde pública, e de Associações e Comunidades médicas contrários às declarações do presidente da República. Eles defendiam, concomitantemente, o isolamento, o uso de máscara e o distanciamento social como medidas preventivas contra a pandemia de Covid-19 e criticaram a postura de Bolsonaro na condução do enfrentamento à doença.

Na mesma edição, uma reportagem exibida pelo JN apresentou declarações contrárias de alguns governadores aos posicionamentos do presidente e à gestão do atual governo. O governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, escreveu em uma rede social que "o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro foi desconectado das orientações dos cientistas, da realidade do mundo e das ações do Ministério da Saúde." Em resposta às críticas do presidente ao isolamento social, o Governador de Goiás, Ronaldo Caiado afirmou que "a quem cabe decidir isso [*lockdown* e isolamento social] não é o presidente da República e muito menos estar prescrevendo cloroquina na porta do Palácio."

A Rede Globo e o Jornal Nacional também posicionaram-se abertamente sobre as declarações e condutas de Bolsonaro. O presidente nunca foi favorável ao fechamento das atividades comerciais e ao isolamento social e, diante disso, a Globo criou o slogan "Fique em Casa", divulgado constantemente na programação, inclusive no Jornal Nacional, em uma tentativa de esvaziar o discurso negacionista do presidente.

A estratégia do apagamento da imagem de Jair Bolsonaro também contribuiu para isolar o presidente. O Jornal Nacional reduziu a exibição de imagens, vídeos e áudios do presidente Bolsonaro ao longo da pandemia. Em duas edições analisadas (25 de março e 9 de maio de 2020), Bolsonaro aparece em 70% das notícias que o citaram relacionadas à pandemia. Já nas cinco edições subsequentes, a figura visual do chefe do Executivo foi mostrada em apenas 22% das notícias que o mencionaram.

Mesmo quando Bolsonaro aparecia, o telejornal destinou, em diversos momentos, mais tempo de tela para outras fontes do que para ele. Na reportagem do dia 25 de março que registrou um embate entre Doria e Bolsonaro, por exemplo, o JN optou por não veicular o vídeo de Bolsonaro retrucando João Doria. Todavia, o jornal mostrou o vídeo do governador criticando o presidente, a mensagem postada ao fim da reunião em uma rede social por Doria e outro vídeo, de aproximadamente 40s, do governador de São Paulo mencionando o assunto da reunião numa entrevista coletiva no Palácio dos Bandeirantes. Nessa notícia, se observa um apagamento da imagem de Bolsonaro e abertura de espaço para que chefes estaduais reagissem ao discurso presidencial.

Nas edições examinadas, houve também ausências de sonoras do presidente, sobretudo nas últimas edições, quando mensagens e discursos de Bolsonaro eram lidos em discurso indireto pelos âncoras do Jornal. Na edição do dia 7 de janeiro de 2021, quando o Brasil ultrapassou 200 mil mortes, o JN não divulgou a mensagem publicada por Bolsonaro nas redes sociais lamentando o número alto de mortos, apenas leu uma nota de forma rápida transmitindo o conteúdo da manifestação do presidente.

Em uma reportagem dedicada aos 300 mil mortos, baseada na coletiva realizada pelo ministro da Saúde Marcelo Queiroga sobre o planejamento para a vacinação nacional contra o coronavírus, o JN citou Bolsonaro diretamente uma vez. Em nenhum momento a imagem de Bolsonaro foi mostrada, apenas trechos da entrevista de Queiroga.

Tendo em vista o alcance do JN, consideramos que, provavelmente, o telejornal utilizou a estratégia de não divulgar os posicionamentos negacionistas do presidente para não colaborar, mesmo que de forma indireta, com o fortalecimento da imagem de Bolsonaro. A utilização de fontes contrárias a ele, para isolá-lo e tipificá-lo como um político insólito, também se fez presente.

2.3 O presidente insensível

O telejornal enfatizou durante a pandemia que o presidente além de não ser um político responsável, também não é um cidadão sensível aos mortos pela Covid-19 e à dor alheia dos familiares enlutados. O presidente não se manifestou sobre os

altos índices de vitimados pela doença e tratou com indiferença as consequências do vírus no país.

No início da pandemia, quando o Brasil ultrapassou 50 mortos causados pela Covid-19, Bolsonaro não se pronunciou, porém, no dia anterior, criticou em rede nacional algumas medidas de enfrentamento à doença e minimizou os impactos do coronavírus. Diversos atores políticos divergiram do Chefe do Executivo e suas manifestações foram representados no JN.

Em uma reportagem do dia 25 de março, o Jornal Nacional ouviu nove importantes economistas do país para falar sobre as consequências do coronavírus na economia. Os especialistas criticaram a conduta de Bolsonaro de se preocupar mais com as questões econômicas do que com os brasileiros vitimados pela Covid-19.

O JN utilizou duas vezes o slogan "o primeiro objetivo é salvar vidas", reforçando a ideia de valorização das vidas como prioridade, e reafirmando que as questões econômicas deveriam ser resolvidas posteriormente, posicionamento inverso ao de Bolsonaro. Na notícia, foram apresentados vários trechos de especialistas que mostraram preocupação com os cidadãos, sobretudo, com os mais pobres.

Numa reportagem referente aos 100 mil mortos, o Jornal Nacional apresentou mensagens publicadas por políticos e magistrados homenageando as vítimas, solidarizando com os familiares dos mortos e criticando a conduta do governo. Entre as diversas personalidades, o JN selecionou declarações de Sérgio Moro, ex-ministro da Justiça, dos então presidentes da Câmara (Rodrigo Maia), do Senado Federal (Davi Alcolumbre) e do Supremo Tribunal Federal (Dias Toffoli). Todas as declarações do governo federal foram feitas exclusivamente pela Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom). O telejornal representou Bolsonaro como uma pessoa insensível com os familiares das vítimas, como, por exemplo, nos trechos "[...] o presidente Jair Bolsonaro não se manifestou pessoalmente sobre a tragédia" e "[...] o Palácio do Planalto não adotou a medida [decretar luto oficial]."

Quando o Brasil ultrapassou as 200 mil vítimas de Covid-19, Bolsonaro lamentou, mas normalizou a situação. Renata Vasconcellos reproduziu as palavras do presidente sem exibir a sua imagem: "A gente lamenta hoje. Estamos batendo as 200 mil mortes. Mas a vida continua. A gente lamenta profundamente."

Na edição de 400 mil mortos, Bolsonaro novamente não se manifestou. Nessa data, o JN exibiu imagens do presidente sem máscara, aglomerando com apoiadores e desrespeitando o distanciamento social, o que aponta que o presidente além de não se importar com o alto número de mortos, ajuda a intensificar a crise causada pelo coronavírus.

O Jornal Nacional apresentou o comportamento de Bolsonaro como o de um governante frio e insensível, haja vista que a sua preocupação era com o fim do isolamento, a reabertura do comércio e o rápido crescimento da economia, e não com o controle sanitário recomendado pelas autoridades científicas. O presidente não demonstrou respeito com os afetados pela Covid-19, adotou comportamentos que colaboraram para a disseminação do vírus e omitiu ações para conter o avanço da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das sete edições emblemáticas do Jornal Nacional, depreendemos que os três enquadramentos apresentados qualificaram Jair Bolsonaro de forma negativa, como um político que colaborou para o agravamento da pandemia, confrontou a ciência e não apoiou as vítimas e os familiares enlutados. Como estratégia discursiva, o telejornal reduziu a sua aparição gradativamente com o intuito de diminuir o alcance de seu discurso, que pode contribuir para a desinformação.

Numa tentativa de reverter a imagem negativa representada pela mídia, Bolsonaro passou a utilizar com frequência as redes sociais para atacá-la, em especial, a Rede Globo, numa tentativa de desqualificá-la e manter uma imagem positiva para seu eleitorado. Ao longo da pandemia, essa rivalidade se intensificou, com destaque para o embate entre o presidente da República e o JN.

Se por um lado os índices de audiência dos telejornais, em especial do JN, cresceram⁷ durante a pandemia, por outro a aprovação de Bolsonaro caiu

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 29 abr 2021.

significativamente no último ano. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha⁸ aponta que a reprovação de Bolsonaro atingiu 51%, maior taxa do seu governo. Em abril de 2020 esse índice estava em 36%, o que significa uma insatisfação crescente com o chefe do Executivo. Não se pode afirmar que o Jornal Nacional tenha sido determinante para explicar o aumento da rejeição do presidente, mas é inegável que a imprensa continua tendo um papel fundamental na construção das imagens públicas e no esclarecimento dos fatos, sobretudo se considerarmos o ambiente digital e a ampla circulação de mensagens em rede.

REFERÊNCIAS

- ALZAMORA, G. C; Especificidades da rede intermídia contemporânea: considerações sobre a audiência em contextos reticulares. **Revista Latinoamericana de ciencias de La comunicación**, São Paulo, v. 9, n. 2, ed. 17, p. 50-61, 2º sem. 2012. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/441>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- CUNHA, K. M. R. **Agora é Lula: Enquadramento do Governo do PT pelo Jornal Nacional**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89396>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- ENCONTRO Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVI, **Enquadramentos da Mídia e Política [...]**. Caxambu: [s. n], 2002. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- GAMSON, W. A.; LASCH, K. E. **The political culture of social welfare policy**, v. 95, p. 397-415, [S. l], 1980. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/51014/242.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A. **Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach**. **American journal of sociology**, p. 1-37, [S. l], 1989. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/229213>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- HJARVARD, S. Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias. Tradução Livia Silva de Souza. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 51-62,

⁸ A pesquisa foi realizada entre 7 e 8 de julho de 2021, com 2074 brasileiros com 16 anos ou mais, em todas as regiões do país, através de abordagem presencial. A margem de erro é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, e o nível de confiança é de 95%.

jul. /dez. 2015. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331>. Acesso em: 12 abr. 2021.

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327/41182>.

Acesso em: 12 abr. 2021.

MEMÓRIA GLOBO: **JN: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo, 2019.

RUBIM, A. A. C. (org.). **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004. *E-book*. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/134/4/Comunicao-Politica_RI.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

SCHAEFER, Ricardo. **O líder em Exame**: o enquadramento da liderança na mídia de negócios. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6350/SCHAEFER%2c%20RICARDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 ago. 2021.

WEBER, M. H. O estatuto da Imagem Pública na disputa política. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 11-26, set./ dez. 2009. Disponível em:

https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/929. Acesso em: 13 abr. 2021.

Capítulo 2

COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E EDUCOMUNICAÇÃO: CONEXÕES

Larissa Andrade Batista Cavalcanti

Andréa Pereira dos Santos



COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E EDUCOMUNICAÇÃO: CONEXÕES⁹

Larissa Andrade Batista Cavalcanti

Bibliotecária, Mestranda em Comunicação (PPGCOM/UFG), larissa.ufg@gmail.com

Andréa Pereira dos Santos

Professora do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, Pós-doutoranda em Ciência da Informação ECI/UFMG, andreabiblio@ufg.br

Resumo: A educomunicação como ação transformadora da comunidade escolar conecta áreas da Educação e Comunicação para proporcionar aos sujeitos integrantes, novas perspectivas sociais. O indivíduo que participa do projeto é estimulado não só a utilizar as mídias de forma material, mas, sobretudo a expressar suas impressões, opiniões e análises sobre as matérias jornalísticas e outros tipos de informações. A comunicação, no sentido da educomunicação transcende a ideia de processo comunicativo e se volta para questões culturais que produzem sentidos e saberes. Portanto, a educomunicação não significa apenas a utilização de mídias como ferramentas para ampliação do ensino, mas também é a construção do indivíduo social, com pensamento crítico e capaz de interagir com as mídias para ampliar seu conhecimento. Nesse propósito, a competência informacional pode ser grande aliada para os projetos, ao propor a utilização da informação de forma efetiva, elevando a geração de conhecimento e a formação de sujeitos críticos. Ela se constitui de quatro dimensões, a dimensão técnica, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política que devem ser trabalhadas mutuamente, como se cada face constituísse o indivíduo competente em informação. Dessa forma, essa pesquisa bibliográfica propõe identificar as possibilidades de fomento das ações educacionais a partir do desenvolvimento da competência informacional nos sujeitos integrantes do processo. Os objetivos específicos são delineados a fim de compreender o diálogo entre educação, comunicação cultura, sintetizar o embasamento teórico da educomunicação e por fim, identificar, através das dimensões do comportamento informacional, meios para fomentar a educomunicação. A pesquisa justifica-se por investigar possíveis aproximações entre a área da Comunicação e a competência informacional, visto que ambos têm em seu escopo, a disseminação da informação para a sociedade. Dessa forma, foi possível identificar que as conexões entre comunicação, educação elevam o nível educacional

⁹ Trabalho apresentado no XIV Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação (SEMIC), ao GT 2 – Interfaces da Comunicação, em 25 de março de 2021 – Goiânia.

formal e informal e ainda demonstra que a área da informação também é forte aliada ao desenvolvimento da educomunicação.

Palavras-chave: Educomunicação. Competência informacional. Dimensões do comportamento informacional. Comunicação e Informação. Comunicação e Educação.

Abstract: Educommunication as a transformative action for the school community connects areas of Education and Communication to provide the participating subjects with new social perspectives. The individual who participates in the project is encouraged not only to use the media in a material way, but, above all, to express his / her impressions, opinions and analyzes about journalistic articles and other types of information. Communication, in the sense of educommunication, transcends the idea of a communicative process and turns to cultural issues that produce meanings and knowledge. Therefore, educommunication does not only mean the use of media as tools to expand teaching, but it is also the construction of the social individual, with critical thinking and able to interact with the media to expand their knowledge. In this regard, informational literacy can be a great ally for projects, by proposing the use of information effectively, increasing the generation of knowledge and the formation of critical subjects. It consists of four dimensions, the technical dimension, aesthetic dimension, ethical dimension and political dimension that must be worked on mutually, as if each face constituted the individual competent in information. In this way, this bibliographic research proposes to identify the possibilities of fostering educative actions based on the development of informational literacy in the subjects that are part of the process. The specific objectives are outlined in order to understand the dialogue between education, culture communication, synthesize the theoretical basis of educommunication and finally, identify, through the dimensions of informational behavior, ways to foster educommunication. The research is justified by investigating possible approximations between the area of Communication and information literacy, since both have in their scope the dissemination of information to society. In this way, it was possible to identify that the connections between communication, education raise the formal and informal educational level and also demonstrates that the area of information is also strong combined with the development of educommunication.

Keywords: Educommunication. Informational literacy. Dimensions of informational literacy. Communication and Information. Communication and Education.

INTRODUÇÃO

Educação, Comunicação, Cultura e Informação são temas intrínsecos ao progresso da sociedade. Embora haja momentos ao longo da história que tenham sido pensados em sua unicidade, pesquisas e ações vêm demonstrando a amplitude dessas conexões para o desenvolvimento social.

O mundo hoje respira evolução, tecnologia; inovação; informação, o que torna latente a necessidade de se ter uma educação contempladora e alinhada ao novo. Ações que visem mudanças positivas no modo de viver em sociedade estão sendo cada vez mais projetadas e amparadas pela interdisciplinaridade das áreas do conhecimento.

A educomunicação é um exemplo que busca, a partir do diálogo entre Educação e Comunicação, lidar com a diversidade cultural, criando ecossistemas comunicativos na comunidade a qual a escola está inserida, para propiciar aos indivíduos uma nova relação com os meios de comunicação e informação, o fortalecimento cultural e a formação de cidadãos (SILVA, 2017).

No mesmo sentido, o fomento da competência informacional (CI) apoiado às práticas educacionais, pode proporcionar ao indivíduo o desenvolvimento de competências e habilidades para lidar com a informação de maneira autônoma para propiciar conhecimento.

Sob o olhar das interlocuções entre a Comunicação com outras áreas do conhecimento, este estudo propõe pesquisar as práticas informacionais que projetam a ampliação da educomunicação.

O objetivo geral do estudo consiste em identificar as possibilidades de conexões entre o desenvolvimento de competência informacional nos indivíduos e as ações da educomunicação. Assim, os objetivos específicos são delineados a fim de compreender o diálogo entre Educação, Comunicação e Cultura, sintetizar o embasamento teórico da educomunicação e por fim, identificar, através das dimensões do comportamento informacional, meios para fomentar a educomunicação.

Justifica-se por investigar possíveis aproximações entre a área da Comunicação e Educação, visto que esses têm em seu escopo, a disseminação da informação para a sociedade. O estudo foi concebido por meio de pesquisa bibliográfica “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44).

Dessa forma, o trabalho está dividido em tópicos que descrevem a Educação, Comunicação e Cultura; a educomunicação; e por fim, competência informacional para a complementação da educomunicação.

Procedimentos metodológicos

O delineamento dessa pesquisa parte de sua natureza básica, por ter o propósito de gerar novos conhecimentos (SILVA; MENEZES, 2001). Dessa forma, sua abordagem torna-se qualitativa por “preocupar-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno”, o que permite analisar as possíveis conexões entre o comportamento informacional e educomunicação (GONSALVES, 2007, p.69).

Do ponto de vista dos objetivos, esses podem ser classificados como descritivos, pois como bem explica Gonsalves (2007) ele caracteriza o objeto de estudo e ainda pretende descobrir a existência de relação entre as variáveis. Enquanto que o procedimento técnico contempla a pesquisa bibliográfica, por constitui-se principalmente de artigos científicos e livros (GIL, 2000).

A análise dos dados se estabelece a partir da pesquisa das quatro dimensões da competência informacional, proposta por Piantola e Vitorino (2011). Pretende-se apurar como cada dimensão pode favorecer no desenvolvimento do indivíduo que participa das ações de educomunicação, para que ele saiba lidar com a informação de forma efetiva e crítica.

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA

A relação entre a Comunicação e a Educação converge para uma área especial de estudo que elenca a comunicação como um movimento entre indivíduos que possuem em comum a vontade de ensinar e aprender.

Kenski (2008) afirma que o processo da comunicação humana com finalidades educacionais transcende o uso de equipamentos midiáticos e se consolida pela

necessidade expressa de interlocução, de trocas comunicativas. Na junção da comunicação com a educação, evidencia-se a necessidade de troca de informações no processo comunicativo, demonstrando a valorização do emissor e do receptor da mensagem nesse processo.

Vale nesse sentido, revisitar brevemente a evolução das Teorias da Comunicação para compreender que até os anos de 1980, tinha-se uma comunicação centrada apenas no emissor e no conteúdo da mensagem, porém a partir dos Estudos de Recepção, o receptor assume o protagonismo necessário nesse processo.

Assim, o pesquisador espanhol Jesús Martín-Barbero, um dos expoentes do pensamento comunicacional latino-americano, propôs à época uma análise da comunicação como “processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 287).

A comunicação, nesse sentido, deixa de ser um processo apenas ideológico e seus estudos se voltam para seu caráter como questão de cultura, que envolve sujeitos e atores, sendo fundamentalmente marcada por um processo de produção e não de mera reprodução de conteúdo (MARTÍN-BARBERO, 2002). Há uma análise social inserida nesse novo contexto, potencializando o ato comunicativo como ferramenta para o desenvolvimento da sociedade.

Pinheiro (2013) contextualiza que o receptor como um sujeito ativo, dotado de autonomia e que essa interfere na comunicação com suas contribuições no sentido de aceitá-las, construir suas próprias opiniões e modificá-las conforme seu repertório prévio de experiências, negando a visão até então vigente de que quem recebe a mensagem é um sujeito acrítico, facilmente manipulado e que não tem qualquer ato de participação ativa no processo comunicacional.

Quando se fala em cultura, essa também passar por transformações ao longo do tempo. A percepção marxista tida até o início dos Estudos Culturais, por volta de 1960-1970, se renova com as ideias, principalmente, de Edward Palmer Thompson, Raymond Williams, e Stuart Hall. Há uma substituição do caráter meramente ideológico, passando a ser considerada em seu sentido amplo, antropológico e voltada para sua influência nos grupos sociais (TEMER; NERY, 2009).

Hall (1980, p.60 *apud* TEMER; NERY, 2009, 106) exprime que “a cultura não é uma prática, nem é simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade. Ela atravessa todas as práticas sociais e constitui a soma de suas inter-relações”. A cultura nesse cenário se constitui como categoria mediadora na construção de sentidos do indivíduo e conseqüentemente dos seus grupos sociais.

O desdobramento para o modelo comunicacional atual impulsiona seu estreitamento com a Educação. Assim, é possível verificar como o pensamento pedagógico desenvolvido nesse período “também tem operado com intuito de afirmar a ideia do deslocamento discursivo e dos fluxos comunicativos como requisitos para a afirmação do sujeito-educando” (CITELLI, 2004, p. 122).

O elo entre Educação e Comunicação, nos estudos brasileiros, é amplamente difundido pelas ideias de Paulo Freire. Para o educador, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p.46).

O educar amparado pela Comunicação transpõe a utilização das mídias. Como bem explica Pinheiro (2013, p.5) retomando o entendimento de Freire de que:

a Educação ao ser influenciada pela Comunicação precisava se basear no estímulo ao pensar crítico e à curiosidade, cabendo à área da Educação oferecer um espaço de formação crítica para possibilitar que os sujeitos deixassem de lado a compreensão ingênua das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação e pudessem exercer, de maneira plena e consciente, sua cidadania.

Sendo assim, Educação e Comunicação embora sejam áreas do saber distintas em sua composição, convergem a um bem comum, já que se constituem de processos de transformação e interação do sujeito. Sua junção visa proporcionar a transformação e as relações interpessoais na sociedade, transcende o uso de meios dos meios de comunicação, mas se consolida pela necessidade de interlocução entre os indivíduos, propiciando o fortalecimento cultural da sociedade, ultrapassando os limites físicos da escola, da educação escolarizada e da comunicação unicamente midiática.

Kenski (2008, p.663), desta forma, complementa que:

o ato comunicativo com fins educacionais realiza-se na ação precisa que lhe dá sentido: o diálogo, a troca e convergência comunicativa, a parceria e as múltiplas conexões entre as pessoas, unidas pelo objetivo comum de aprender e de conviver.

Fica assim evidente que a Educação e Comunicação se constroem de maneira integrada, como na perspectiva de Paulo Freire (1983) ao demonstrar que não existe educação sem diálogo e para isso esse processo é determinado pela comunicação entre os indivíduos com pensamentos críticos que gerem transformações na sociedade.

EDUCOMUNICAÇÃO

Como discutido no tópico anterior, pensar a Educação sob a ótica da Comunicação não significa apenas a utilização de mídias como ferramentas para ampliação do ensino. É pensar na construção do indivíduo social, com pensamento crítico e capaz de interagir com os meios para ampliar seu conhecimento.

No entanto, não se pode dispensar a utilização dos meios de comunicação no processo de ensino, deve-se incluí-lo de forma que integre o processo de aprendizagem. Para isso, a educomunicação vem para atuar na relação entre a Comunicação e a Educação, saindo da compreensão de como exatamente a mídia age sobre os sujeitos (alunos), mas como que elas são capazes de fazer quando podem usar as ferramentas disponibilizadas pelos meios de comunicação (SOARES, 2004).

Ismar de Oliveira Soares é o nome de destaque para os estudos de educomunicação no Brasil. Pesquisador da Universidade de São Paulo colaborou com o Núcleo de Comunicação e Educação da universidade para a criação da Licenciatura em Educomunicação e possui em sua caminhada acadêmica uma série de publicações sobre o aprofundamento do tema.

Partindo dessa premissa, os estudos de Soares permitem entender a educomunicação como:

o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos

abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas. (SOARES, 2003)

Pinheiro (2013, p.7) ao citar Soares (2014) reforça que a intenção da educomunicação está estreitamente ligada a “preparar os alunos para receber e analisar de maneira crítica as mensagens que recebem da mídia, assim como torná-los capazes de produzir produtos de comunicação”.

Percebe-se que a educomunicação fundamenta-se na participação da comunidade escolar, como também na comunidade (espaço) em que essa está inserida. O intuito é democratizar a informação para o público envolvido nos projetos escolares. Dessa forma, o sujeito que participa do projeto é estimulado não só a utilizar as mídias de forma material, mas, sobretudo a expressar suas impressões, opiniões e análises sobre as matérias jornalísticas e outros tipos de informações.

Para se tornar um sujeito ativo no projeto educ comunicativo é preciso movimentar sua capacidade de leitura, de diálogo, de análise crítica e outras diversas formas de interação com o meio e os indivíduos. Essa interação remete ao conceito explicitado acima, sobre “ecossistema comunicativo”, que é utilizado para designar as “teias” de relações das pessoas que convivem nos espaços onde esses conjuntos de ações são implementados.

Soares (2012, p.26) recorre a Martín-Barbero (2002) para a discussão sobre ecossistema comunicativo. De acordo com o autor:

o desafio que o *ecossistema comunicativo* coloca para a educação não se resume apenas à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos (tecnologias da educação), mas aponta para a emergência de uma nova ambiência cultural. Chega mesmo a afirmar que “a escola deve pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos *ecossistemas comunicativos*, que são formados pelo conjunto de linguagens, escritas, representações e narrativas que alteram a percepção” (Grifos do autor).

Para criar e desenvolver esses ecossistemas que o educ comunicador trabalha, é necessário que as ações sejam qualificadas como:

- a) inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo);
- b) democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas);

c) midiáticas (valorizando as mediações possibilitadas pelos recursos da informação);

d) criativas (sintonizadas com toda forma de manifestação da cultura local). (SOARES, 2012, p.22)

A educomunicação busca, dessa maneira, contemplar todos os agentes e ambientes que os sujeitos participantes das ações sejam valorizados e isso propicia maior aderência aos projetos criados pelas escolas. Com sua estratégia interdisciplinar, torna-se um “sistema complexo, dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e de ação comunicativa integrada” (SOARES, 2012, p.26).

Os ecossistemas são uma meta a ser alcançada pela aplicação da educomunicação na comunidade escolar e para que essa seja alcançada são propostas “áreas de intervenção” para que os sujeitos se ambientem nessa nova perspectiva, fazendo com que haja uma reflexão das suas relações no âmbito educacional. A partir dessas áreas há uma construção das práticas educacionais, uma vez que elas englobam ações para:

- Alcance da educação para a comunicação,
- Expressão comunicativa através das artes;
- Mediação tecnológica nos espaços educativos;
- Pedagogia da comunicação;
- Gestão da educação nos espaços educativos,
- Reflexão epistemológica sobre a própria prática em questão.

Nessa lógica de intervenção, os sujeitos tornam-se capazes principalmente de lidar com todo processo inserido na comunidade, a começar por compreender o que seja o fenômeno comunicacional e sua importância no cotidiano, o impacto social que é gerado por esses meios, lida com novas possibilidades de criatividade a partir das artes; novas realidades culturais. Também passam a refletir sobre as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e nesse sentido não só a manusear, mas a entender o impacto trazido por elas, seu uso democrático e seus benefícios quando usado corretamente, de maneira agregadora.

Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)

Quando o assunto se volta para as TICs, desperta outras duas possibilidades de ação para o alcance efetivo da educomunicação, são elas a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI). A AMI visa “promover o acesso igualitário à informação e ao conhecimento e os sistemas de mídia e informação livres, independentes e plurais” (SOARES; VIANA; XAVIER, 2016, p.216).

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) estabeleceu a Alfabetização Midiática e Informacional como instrumento de apoio à educação, o que diretamente alcança a prática da educomunicação. É salutar reconhecer o papel fundamental da informação e da mídia em nosso dia a dia. De acordo com a Organização, a AMI:

está no centro da liberdade de expressão e informação, já que empodera cidadãos a compreender as funções da mídia e outros provedores de informação, a avaliar criticamente seus conteúdos e, como usuários e produtores de informação e de conteúdos de mídia, a tomar decisões com base nas informações disponíveis (UNESCO, 2014, p.11).

A interferência direta de novas tecnologias no cotidiano social requer que dos indivíduos o desenvolvimento de competências e habilidades para que saibam lidar com informações confiáveis ao mesmo passo que compreenda o uso adequado e o papel e das funções das mídias em sociedades democráticas.

Nesse contexto, a UNESCO (2013, p.4) distingue os dois processos de alfabetização, no qual a alfabetização informacional “ênfatiza a importância do acesso à informação e a avaliação do uso ético dessa informação”, enquanto que a alfabetização midiática “ênfatiza a capacidade de compreender as funções da mídia, de avaliar como essas funções são desempenhadas e de engajar-se racionalmente junto às mídias com vistas à autoexpressão.” O quadro 1 abaixo, ilustra os elementos dos dois objetos em questão:

Quadro 1 – Diferenças entre Alfabetização informacional e Alfabetização midiática

Fonte: UNESCO, 2016. (adaptado)

Alfabetização informacional						
Definição e articulação de necessidades informacionais	Localização e acesso à informação	Acesso à informação	Organização da informação	Uso ético da informação	Comunicação da informação	Uso das habilidades de TICs no processamento da informação
Alfabetização midiática						
Compreensão do papel e das funções das mídias em sociedades democráticas	Compreensão das condições sob as quais as mídias podem cumprir suas funções		Avaliação crítica do conteúdo midiático à luz das funções da mídia	Compromisso junto às mídias para a autoexpressão e a participação democrática		Revisão das habilidades (incluindo as TICs) necessárias para a produção de conteúdos pelos usuários

Nota-se, ao analisar o quadro, que embora a interligação não esteja implícita, cada vertente da alfabetização tem sua origem e propósitos específicos, o que leva a compreender que ao tornar um indivíduo alfabetizado em mídias, forma-se também um indivíduo mais preparado o uso, avaliação e leitura críticas, éticas e reflexivas das mídias como fontes de informação. Sendo assim, há uma relação de troca significativa entre as duas ferramentas e ambas se fazem presentes e necessárias à educomunicação.

Faz-se aqui uma observação conceitual sobre a alfabetização informacional. Voltada para a formação de um cidadão que reconheça a informação confiável para assim o tornar crítico e capaz na resolução de problema, sua ligação é forte com as TICs e com o desenvolvimento de competência informacional, inclusive, gerando em alguns momentos pequenas confusões sobre o que sejam alfabetização e competência em informação.

Por isso, o próximo tópico além de se dedicar ao cumprimento do objetivo proposto de identificar as possibilidades de complementariedade da educomunicação a partir do desenvolvimento da competência informacional, buscará esclarecer a diferença entre os dois termos.

COMPETÊNCIA INFORMACIONAL COMO COMPLEMENTAÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO

A alfabetização, letramento e comportamento informacional são termos comumente utilizados como sinônimos, mas que reservam entre si, suas peculiaridades. Na área da Ciência da Informação, berço dos estudos da informação, a distinção é feita a partir de suas inter-relações.

Gasque (2013, p.1) conceitua alfabetização Informacional como “a primeira etapa do letramento informacional, isto é, abrange os contatos iniciais com as ferramentas, produtos e serviços informacionais”. Por outro lado, letramento Informacional é o “processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões”, no entanto, a competência informacional, se refere à capacidade do indivíduo de mobilizar seu conhecimento prévio para agir em determinada situação. A competência é desenvolvida a partir do processo do LI, nele se aprende a “identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la eficaz e eficientemente, considerando os aspectos éticos, legais e econômicos”.

Portanto, o sujeito cumpre 3 etapas: a alfabetização o insere no mundo informacional e tão logo ao estabelecer competências e habilidades informacionais, se torna letrado em informação. Todas essas ações são necessárias para que indivíduo possa lidar efetivamente com a informação em seus diversos meios e suportes.

Dudziak (2003) explica que a competência informacional é processo de aprendizado transdisciplinar, o que favorece ao diálogo educacional. Está centrada em desenvolver habilidades relacionadas ao acesso, uso e avaliação da informação, principalmente em um ambiente de construção de conhecimento.

Ao mesmo passo, Cerigatto (2018) complementa, ressaltando que entre os objetivos da CI, está a formação de sujeitos capazes de conhecer o mundo da informação – e isso inclui identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma adequada, eficiente, inclusive as informações das várias mídias de informação (jornais, revistas, televisão, internet).

Mediante o exposto, evidencia-se que a informação é a ponte que interliga a CI à prática da educomunicação, pois uma vez que o indivíduo se torna competente em informação, ele saberá lidar com informações confiáveis, aguçar seu senso crítico, utilizará com maior facilidade tecnologias de informação e comunicação e assim, produzir conhecimento, ampliando sua aprendizagem.

Para isso, a CI se constitui de quatro dimensões, que se “completam mutuamente”, formando uma espécie de “colcha de retalhos”, em que cada uma contempla uma face, um pedaço do todo que devem estar unidas. São elas, a dimensão técnica, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política. “Todas devem estar presentes em harmonia tanto na competência quanto na informação, pois juntas e em equilíbrio tendem a favorecer o desenvolvimento da competência informacional” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p.102).

Sob essa perspectiva das dimensões da CI, serão analisadas as possíveis conexões entre a CI e a prática da educomunicação no ambiente escolar. Sabendo que a informação é essencial em ambas as áreas, compreender formas para seu uso efetivo, favorecerá toda a comunidade envolvida nas ações da educomunicação.

RESULTADOS

As quatro dimensões do comportamento informacional foram “delineadas a partir do estudo de diversos pontos de vista relativos ao assunto e de um referencial teórico-conceitual de aporte filosófico e educacional”. (VITORINO E PIANTOLA, 2011, p.108). O quadro 2 abaixo apresenta os tópicos abordados em cada dimensão:

Quadro 2- Resumo das características da competência informacional

Dimensão técnica	Dimensão estética	Dimensão ética	Dimensão política
Meio de ação no contexto da informação.	Criatividade sensível.	Uso responsável da informação.	Exercício da cidadania.
Consiste nas habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos.	Capacidade de compreender, relacionar ordenar, configurar e ressignificar a informação.	Visa à realização do bem comum.	Participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes à via social.

Ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.	Experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.	Relaciona-se a questões de apropriação e uso das informações, tais como propriedade intelectual, direitos autorais, acesso a informação e preservação da memória do mundo.	Capacidade de ver além da superfície do discurso.
			Considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Fonte: Vitorino e Piantola (2011) (adaptado)

A dimensão técnica, de acordo com Vitorino e Piantola (2011, p.102):

Descreve o processo de pesquisa baseada na busca e no uso de informações empíricas e está, muitas vezes, ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.

Nessa dimensão, o sujeito aprende a lidar com as mídias para fazer a busca da informação. As novas tecnologias permeiam a forma de lidar com a pesquisa informacional e quando levadas para as práticas da educomunicação, podem favorecer a utilização de sítios na internet, como buscadores e bases de dados de jornais e revistas *on-line*, se conecta com a área de intervenção da mediação tecnológica nos aspectos educativos.

Vitorino e Piantola (2011, p.104) referem-se à dimensão estética como a experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e a sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo e citam Ward (2006) ao afirmar que:

nem sempre o pensamento crítico é suficiente como estratégia utilizar para navegar no universo da informação, pois ser competente informacional requer mais do que a habilidade de trabalhar analiticamente com a informação. Também demanda que saibamos como lidar com a informação de forma mais criativa e significativa.

Nesse sentido, essa dimensão pode ser trabalhada a partir de intervenções na área da expressão comunicativa através das artes. Quanto à dimensão ética, essa permeia todas as ações e contribui ao ensinamento do sujeito como cidadão ético e responsável. “Praticar o comportamento ético em relação à informação significa ainda

utilizá-la de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum.” (VITORINO E PIANTOLA, 2011, p.106).

Por fim, a dimensão política do CI, importante aliada à educomunicação por contribuir na formação do sujeito cidadão. Vitorino e Piantola (2011, p.107) citam Correia (2002, p.4) para afirmar que se a cidadania é caracterizada pela capacidade dos indivíduos de fazerem escolhas e tomarem decisões baseadas em informações, e de serem ativos individualmente e como parte de processos coletivos, para exercer efetivamente seu papel de cidadãos e serem civicamente engajados por meio do exercício da responsabilidade moral, eles precisam adquirir habilidades participativas e ser competentes informacionais, ao menos em um nível básico.

Assim como a dimensão ética, a política está intrínseca ao desenvolvimento da educomunicação nos ecossistemas comunicativos. Quando o sujeito se torna competente em informação, ele lida de maneira ética e política com a informação e tem o poder transformador dentro dos seus grupos sociais. Por fim, no quadro 3 abaixo, busca-se sintetizar o que foi apontado ao longo do estudo sobre como a CI pode complementar a prática da educomunicação:

Quadro 3 – Conexões entre competência informacional e educomunicação

Dimensão técnica	Dimensão estética	Dimensão ética	Dimensão política
Área de intervenção da mediação tecnológica nos aspectos educativos, com práticas de pesquisa em bases de dados <i>on-line</i> .	Intervenções na área da expressão comunicativa através das artes.	Permeia todas as ações e contribui ao ensinamento do sujeito como cidadão ético e responsável.	Quando o sujeito se torna competente em informação, ele lida de maneira ética e política com a informação e tem o poder transformador dentro dos seus grupos sociais.

Fonte: elaboração própria

O sujeito competente em informação adquire competências e habilidades que modificam sua forma de lidar com a informação e consequentemente, como utilizá-la na prática de sua cidadania. Quando movimentam as quatro dimensões da CI, se torna apto não só para trabalhar com a informação com mais propriedade, mas também com TICs, logo com as mídias comunicacionais.

Diante disso, desenvolver a CI como fonte para ampliação da educomunicação, prepara o estudante, e a comunidade envolvida no projeto, para superar limitações de conhecimento, de manuseio com TICs e principalmente, torna-os protagonistas do seu espaço na sociedade.

CONCLUSÃO

A proposta desse trabalho se constituiu em estudar a convergência entre Comunicação e Educação para assim compreender as ações educacionais, de modo a conectar o campo da competência Informacional como proposta de ação para os sujeitos lidarem de forma efetiva com a informação.

O objetivo geral do estudo consistia em identificar as possibilidades de conexões entre o desenvolvimento de competência informacional no indivíduo e as ações da educomunicação. Como visto na análise, essa é uma realidade possível quando pensada no ambiente escolar, com o apoio pedagógico e da biblioteca escolar.

Paralelamente, os objetivos específicos delineados também foram alcançados. A compreensão do diálogo entre Educação, Comunicação e Cultura, o embasamento teórico da educomunicação e identificação, através das dimensões do comportamento informacional, de meios para fomentar a educomunicação puderam ser confirmados por meio da pesquisa bibliográfica levantada e com isso o estudo pode afirmar a interdisciplinaridade da Comunicação com a Educação.

Compreendeu-se que a Educação, a Comunicação, a Cultura e a Informação possuem elos construtivos para a sociedade. Em uma realidade de mundo contemporâneo, que respira informação propagada pelos meios de comunicação e informação aliados a tecnologias, formar sujeitos competentes em informação torna-se basilar para que o mesmo exerça sua cidadania.

A comunicação como processo, está presente no cotidiano de todos os grupos sociais e é por meio do ato comunicativo que se difunde não só a informação, mas há a propagação da cultura. A sociedade se constitui de grupos, de “teias” com

singularidades culturais que ao serem difundidas agregam na composição de uma sociedade heterogênea.

A educação é nesse sentido, o construtor de bases sólidas para a sociedade e por isso deve se reinventar a cada momento para acompanhar o progresso tecnológico e social. Isso vale tanto para a educação formal, como a informal, uma vez que o conhecimento deve ultrapassar as fronteiras físicas das escolas.

Ações da educomunicação, sempre que bem aplicadas, une forças com todos esses componentes citados para construir uma sociedade democrática, formar sujeitos críticos, éticos e com novos horizontes culturais. Ela move as arestas da comunidade escolar (no todo) que está inserida a fim de proporcionar uma nova perspectiva de mundo para esses indivíduos. Vale ressaltar que comunicação nesse caso, não se resume a utilização de mídias, de tecnologias, se faz no todo da conexão entre seres.

Assim, para complementar a formação desses sujeitos, o desenvolvimento do CI propicia à educomunicação suporte para as transformações culturais, para o conhecimento, para o uso de TICs e para o uso político e ético da informação.

REFERÊNCIAS

CERIGATTO, Mariana Pícaro. **Diálogos possíveis entre competências informacional e midiática**: revisão da literatura e posicionamento de instituições da área. 2018. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153455>. Acesso em: 17 jan. 2021.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Conhecimento da informação: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, pág. 23-35, abril de 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 9ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento,

[S.l.], v. 2, n. 1, p. 5-9, aug. 2013. ISSN 2237-826X. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25245>. Acesso em: 17 jan. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. 96p.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, Out. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002&lng=en&nrm=is. Acesso em: 19 Jan. 2021.

MARTIN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, 2013.

PINHEIRO, Rafaela Bortolin. Educação e Comunicação: possibilidades de um caminho integrado em prol do diálogo e da cidadania. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 9., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Ufpr, 2013. p. 1-11. Disponível em: <http://www.midiacidada.ufpr.br/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

SILVA, Diva Souza (org.). **Educomunicação**: reflexões e práticas na educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/combinepdf__1_-min_cfb68139043772. Acesso em: 02 mar. 2021.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino A Distância da Ufsc, 2001. 121 p. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educommunication**. [S.l.]: NCE-ECA/USP, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista com Ismar de Oliveira Soares: A Educomunicação. **Novos Olhares**, [S. l.], n. 12, p. 35-41, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51389>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SOARES, Ismar; VIANA, Claudemir; XAVIER, Jurema (Orgs.). **Educomunicação e alfabetização midiática**: conceitos, práticas e interlocuções. São Paulo, SP: ABPEducon, 2016.

TEMER, A.C.; NERY, V.C. **Para entender as Teorias da Comunicação**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da Competência Informacional (2). **Ci. Inf.**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, abril de 2011. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100

Capítulo 3

LEITURA E CULTURA – PROJETO DE FÉRIAS

Daiana de Moura Etcheverria



LEITURA E CULTURA – PROJETO DE FÉRIAS

Daiana de Moura Etcheverria

E-mail: demoura.e2016@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Leitura e Cultura é um projeto desenvolvido juntamente com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Seival, onde os participantes em sua grande maioria estuda nesta Escola e mora no Bairro Seival. Os participantes são crianças e adolescentes, que se dedicam aos estudos durante o ano letivo, e no período de férias fazem produções culturais específicas, pré estabelecidas dentro um propósito educacional, cultural e social e como encerramento destas atividades antes de retornarem para as aulas é feito um passeio. Depois do trabalho há a recompensa oportunizando essas crianças e adolescentes moradores da nossa comunidade, considerada “carente” e com difícil acesso, a conhecer novos ambientes, novas cidades e desfrutar do lazer compartilhando alegrias com o grupo.

O projeto tem como objetivo geral, incentivar os participantes a aderirem a cultura no seu cotidiano, através de leitura, escrita, produções fotográficas e de vídeo, assim como atividades lúdicas em geral.

Precisamos influenciar nossas crianças e adolescentes com a arte, cultura, educação, cada vez mais influencias ruins invadem o habitat desses grupos, com o acesso fácil a toda tecnologia, e as redes sociais, sem a maturidade necessária, refletem em comportamentos negativos se espelhando em modos de vida fictícios, e esquecendo de aproveitar o lado bom da vida real. E “Leitura e Cultura” oferece isto à eles.

2. METODOLOGIA

Durante o início do ano letivo escolar, divulga-se em redes sociais, na escola, e como a comunidade é pequena também no “boca a boca” mesmo, a abertura de inscrições, onde podem se inscrever crianças e adolescentes da comunidade de Seival. O número máximo de participantes são 20 (vinte), desde o início do projeto em janeiro de 2019 até o momento.

No recesso escolar, iniciam as atividades, pré determinadas organizadas em calendário, que partem de um propósito diferente a cada encontro, aproveitando a diversidade de temas importantes a serem abordados e atividades relevantes a serem realizadas.

Os encontros do grupo são feitos nas dependências da escola que mesmo em período de férias nos serve o espaço. Mesmo nesse período difícil de pandemia achamos uma forma de nos manter unidos e produzindo, para que quando seja possível possamos passear.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tenho um acervo de livros pessoais, que todos participantes do projeto tem acesso, eles lêem, produzem textos, inclusive um participante tem texto publicado em livro, fazem apoio escolar, onde uns ajudam os outros nas dificuldades escolares, sob minha orientação, assistem filmes indicados produzem sinopses autorais, interpretam personagens em peça de teatro atualmente readaptação autoral do “Mágico de Oz”, onde já apresentamos na cidade de Gramado, onde levamos nossa arte e conhecemos a cidade Maravilhosa, produção de documentário sobre bullying, publicado em redes sociais, participação em oficina com o grupo Toll de Pelotas, produção de papel reciclado, feira de doação de livros para a comunidade e atualmente organização de exposição com os talentos de nossa cidade. Para participar do projeto basta ser criança (alfabetizada) ou adolescente, morar em nossa comunidade e se inscrever em tempo hábil, porém para desfrutar dos passeios, que são custeados com recursos próprios e patrocínios é necessário manter boas notas e ser aprovado no ano letivo escolar. Como estamos atualmente com as vagas preenchidas, assim que uma criança, muda-se de cidade, ou por qualquer outro motivo não se faz presente nas atividades do projeto, abre a vaga novamente, que é divulgada primeiramente

dentro da escola. O adolescente que completa 18 anos, pode contuniar no proeto como colaborados, dando suporte ao grupo no que for necessario.

Realizamos nestes dois anos de trabalho, muitas atividades lúdicas, e estamos organizando um grande evento para nossa cidade de Candiota, onde será divulgado os trabalhos autorais e a arte local, assim sendo como proposito do projeto, levar todas essas obras para expor em cidade, onde possamos fazer um encontro de culturas e troca de conhecimentos.

Deste projeto os particiapantes, familiares, parte da equipe escolar e moradores da comunidade, atraves da promoção de nossos passeios foi possivel visitar os seguintes lugares: Pousada do Sobrado – Cidade – Bagé; Estância Santa Rosa – Cidade de Candiota; Galpão de Oficinas e Treinamento do Toll – Cidade – Pelotas; Shoping – Cidade – Pelotas; Lago Negro – Gramado; Mini Mundo – Gramado; Catedral – Canela; Parque Floriball – Canela; Hospedagem no Grande Hotel – Canela, etc... e outros passeios que forma possiveis na rota. Para o ano de 2022 esta sendo programado a viaem que levará a expociação até a cidade de Garibaldi, onde participarão de oficinas no espaço cultural Didati em Garibaldi.e visitação na cidade vizinha de Bento Gonçalves..

Figura1: Elenco da readaptação do Mágico de Oz, em apresentação na cidade de Gramado. Janeiro/2020



4. CONCLUSÕES

Atraves da cultura e educação é possível realizar sonhos, tornar uma realidade diferente, transformar comportamentos, prevenir más ações.

Os particiapntes do projeto “Leitura e Cultura”, sentem-se seguros, temos um grupo diverso e unido, e o mais importante com um propósito. Ele oportuniza através das realizações de suas atividades e praticamente extingue a ociosidade, o nosso grande desafio é desenvolver o interesse de crianças e jovens pela cultura e educação, além do desenvolvido em sala de aula, mas que por “gosto”, Por vontade própria motivados queiram participar das atividades, saiam de seus quartos, tenham amizades sinceras e verdadeiras, se superem, ajudem, compartilhem conhecimento com sua família, conheçam novos lugares e acima de tudo: se sintam felizes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLEIMAN, A.B.M. **Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo Redes nos Projetos da Escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

KLEIMAN, A.B.M. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Pontes, 2004.

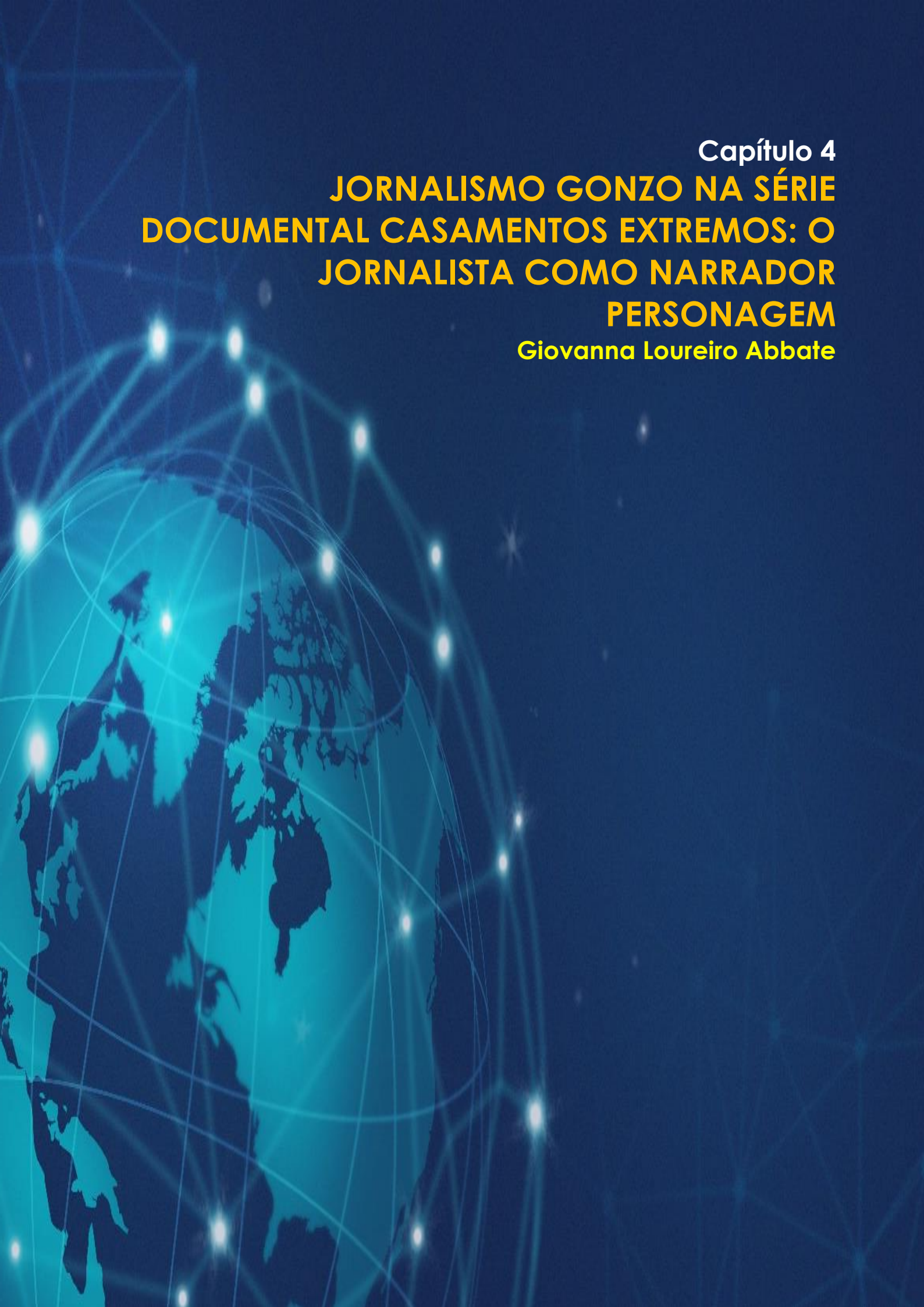
ETCHEVERRIA, D.M. **Os quatro**. Bagé: Leb Livraria e Editora Bageense, 2021.

WILLIAN, N.B. **Aprendizagem Baseada em Projetos**. “Tradução de Fernando de Siqueira Rodrigues”. Porto Alegre: Penso, 2015.

Capítulo 4

**JORNALISMO GONZO NA SÉRIE
DOCUMENTAL CASAMENTOS EXTREMOS: O
JORNALISTA COMO NARRADOR
PERSONAGEM**

Giovanna Loureiro Abbate



JORNALISMO GONZO NA SÉRIE DOCUMENTAL CASAMENTOS EXTREMOS: O JORNALISTA COMO NARRADOR PERSONAGEM¹⁰

Giovanna Loureiro Abbate¹¹

*Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade
de Sorocaba; Redatora Publicitária*

Resumo: Esta pesquisa apresenta uma análise da série documental Casamentos Extremos, da provedora Netflix. O objetivo é apontar por que a série se encaixa no estilo Jornalismo Gonzo e analisar como a história é contada quando os narradores são também personagens. Para contextualizar, a base bibliográfica foi construída em cima de Lima (2009) e Pena (2006) para o estudo da história do Jornalismo Literário e do New Journalism; Traquina (2005) para as Teorias do Jornalismo; Pena (2006), Ritter (2019), Rocha W (2012) e Rodrigues (2013) para a história e definição do Jornalismo Gonzo. Como metodologia para a compreensão de como os jornalistas se constroem como personagens, foram utilizados 3 movimentos - 1º Movimento: Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico (reúne fragmentos de um mesmo grande acontecimento para que se tenha a história completa do ocorrido); 3º Movimento: a construção de personagens jornalísticas (reconhece as personagens, isto é, o fragmento do objeto jornalístico) ; 4º Movimento: Estratégias comunicativas (reconhecimento da aplicação da visão do narrador na narrativa) – da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística de Motta (2005). Os demais movimentos não foram contemplados pois a aplicação desses não contribui com a resposta da questão central.

Palavras-chave: Casamentos Extremos. Jornalismo Gonzo. Narrador Personagem.

Abstract: This research presents an analysis of the documentary series Casamentos Extrememos, from the provider Netflix. The objective is to point out why the series fits the Gonzo Journalism style and analyze how the story is told when the narrators are also characters. To contextualize, the bibliographic base was built on Lima (2009) and Pena (2006) for the study of the history of Literary Journalism and New Journalism; Traquina (2005) for Theories of Journalism; Pena (2006), Ritter (2019), Rocha W (2012) and Rodrigues (2013) for the history and definition of Gonzo Journalism. As a methodology for understanding how journalists build themselves as characters, 3 movements were used - 1st Movement: Recomposition of the intrigue or journalistic event (gathers fragments of the same great event to have the complete story of what happened); 3rd Movement: the construction of journalistic characters (recognises the characters, that is, the fragment of the journalistic object); 4th Movement:

¹⁰ Artigo apresentado no XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura – III Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura – V EPECOM Júnior – 27 e 28 de set. de 2021

¹¹ Graduada em Jornalismo (Uniso), giovanna.abbate08@gmail.com.

Communicative Strategies (recognition of the application of the narrator's vision in the narrative) – from the Pragmatic Analysis of the Journalistic Narrative by Motta (2005). The other movements were not considered because their application does not contribute to the answer to the central question.

Keywords: Extrame Engagement. Gonzo Journalism. Narrator Character.

1 Introdução

Este artigo consolida a ideia da Monografia de mesmo nome escrita por Giovanna Abbate (2021). O trabalho procura entender, através da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística de Motta (2005), como os narradores da série documental *Casamentos Extremos* se constroem como personagens.

Uma revisão da história do Jornalismo Literário, dos livro-reportagens e do *New Journalism* é feita no primeiro capítulo, com sustento na teoria de Lima (2009) e de Pena (2006), que fazem o encontro entre jornalismo e literatura.

No segundo capítulo, o estilo Jornalismo Gonzo é apresentado, bem como seu propulsor: Hunter Thompson, cuja narrativa chocava muitas pessoas. O capítulo pretexto também o objeto de análise da pesquisa e as características que o fazem se encaixar na categoria Gonzo.

O último capítulo, com a motivação de compreender como os autores da série se constroem como personagens, traz as estratégias metodológicas de 3 movimentos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística de Motta (2005): 1º Movimento: Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico; 3º Movimento: a construção de personagens jornalísticas; 4º Movimento: Estratégias comunicativas.

O conceito de narrador-personagem praticado pelos autores da série está, enfim, consolidado nas considerações finais.

2 Jornalismo Literário

O jornalismo e a literatura passam a se encontrar na segunda metade do século XIX conforme a imprensa se tornava mais moderna e industrial. Para Lima (2009), o que conecta as duas práticas é a escrita. Recursos para o aprofundamento da notícia (transformação em reportagem) foram recolhidos da literatura pelo jornalismo,

enquanto o espaço dos jornais se tornou palco para os literatos aprimorarem suas técnicas.

Lima (2009) afirma que desde o começo dessa simbiose até os primeiros anos do século XX, os profissionais de cada uma das áreas não se dividiam tanto.

Acontece que a consciência de que a realidade precisava ser refletida, discutida, denunciada, foi tomando forma. A literatura poderia então contribuir com essa reflexão. Todavia, a imprensa pregava que para exercer tal papel, mudanças seriam necessárias na literatura. Os livros de vocabulário complexo inteligíveis apenas a uma pequena parte da população e que contavam histórias fictícias não deviam receber tanta atenção quanto relatos sociais e a reprodução de vozes de pessoas reais. As mudanças necessárias viriam através de uma linguagem mais objetiva.

Da mesma forma, a imprensa bebeu do estilo literário com o fim de aprofundar seus relatos do real.

Tom Wolfe, jornalista, doutor e porta-voz do *New Journalism* (estilo a ser mais aprofundado posteriormente no próximo capítulo), teve voz nas reflexões sobre a junção de jornalismo e literatura e passou a fazer a literatura da realidade. O porta-voz sustenta que o romance *Joseph Andrews*, de Henry Fielding, publicado no ano de 1742, é “um embrião do que se poderia chamar de reprodução fiel do cotidiano social” (WOLFE, 1973, p. 40 *apud* LIMA, 1993, p. 180).

Para validar sua obra como uma literatura da realidade, Fielding alegou que criou um novo gênero derivado de um já existente, o poema épico cômico. Seu gênero seria uma versão em prosa dele. Outras obras que foram classificadas dessa maneira foram portfólio para o que resultou no chamado *realismo social*. O século era XIX e o romance conseguia refletir o social. O cotidiano era descrito com detalhes.

Entretanto, o realismo social perdeu sua força na Europa de 1870, pois a comunidade literária passou a protestar que os romances abrangiam o cotidiano e estavam “perdendo uma missão maior, moral, mítica, que teriam a cumprir” (LIMA, 2009, p. 182). O gênero declinou totalmente em 1920.

Como um resquício de esperança, na América do Norte de pós Segunda Guerra Mundial, jornalistas se inspiraram no fenômeno ocorrido na Europa e deram uma nova cara à narrativa em profundidade, criando um estilo de notícias cujo ápice foi em 1930. A literatura inspirou a aprimoração da prática noticiosa, que conseguiu manter a característica jornalística. Dessa forma, essa mistura teve muita força nos Estados Unidos.

3 *New Journalism*

Para uma narrativa tão detalhada quanto a dos romances, o jornalismo teria de se aperfeiçoar. Entretanto, não poderia deixar de lado sua especificidade: a de relatar o real. A mistura entre as duas práticas ficou conhecida como *New Journalism* (Novo Jornalismo).

Os textos personalizados pelos repórteres, a reconstrução da história cena a cena, os diálogos completos, a versão de diferentes personagens e o registro simbólico – roupas, gestos, hábitos, por exemplo – são, para WOLFE (1973, *apud* PENA, 2006, p.54), componentes de um melhor relato jornalístico feito pelos adeptos do *New Journalism*.

Villas Boas (2008, *apud* RITTER, 2019) sustenta que o *New Journalism* foi um período de aprimoração do Jornalismo Literário, em que os jornalistas experienciavam novas formas de narrar entre as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos.

A imprensa então produzia reportagens de duas formas: coberturas do dia-a-dia, o que é conhecido como jornalismo factual, o das matérias quentes; e o *feature*, matérias mais frias e maiores. Pena (2006) diz que as descrições desse segundo tipo de jornalismo deveriam superar as dos romances realistas sem ignorar o fato de que escreviam textos de não-ficção.

3.1 A contracultura que abre espaço para a inovação

No ano de 1960, a contracultura levava grandes transformações sociais e novas ideologias aos Estados Unidos. Essa revolta, a princípio, não entrava na literatura até o momento em que essa se propôs a realizar a já citada conscientização do real. Os pioneiros do Novo Jornalismo surgiram então conforme interagiam com essa realidade que se transformava drasticamente.

O novo jornalismo traz à luz dos holofotes o mesmo timbre comum da sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade, como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura. Fosse a experiência de Leary, a rotina do policial que patrulha a Broadway ou o dia-a-dia dos faxineiros das pontes de Nova York, o new journalism focalizava-os com calor, vivamente. (LIMA, 2009, p. 195).

O estilo mesclava a objetividade da linearidade à subjetividade das impressões das imersões dos repórteres.

O uso excessivo de diálogos e fluxos de consciência nessas então novas produções jornalísticas fez com que o *New Journalism* perdesse sua força em 1970, também devido ao fim do tempo histórico marcado pela contracultura. A imprensa conservadora seguiu usando recursos literários, mas sem o exagero estilístico do *New Journalism*.

Textos nesse estilo nunca pararam de ser produzidos, mas a quantidade foi bem reduzida. Hoje em dia, há mais aceitação até mesmo na academia. O entendimento de que a ideia de objetividade, antes tão defendida pelos jornalistas, não existe, só foi alcançado através do legado do *New Journalism*.

4 Jornalismo Gonzo

Dentre os grandes nomes do *New Journalism*, está Hunter Thompson. *Hell's Angel*, seu primeiro livro publicado em 1967, foi feito num estilo pré-jornalismo gonzo (RITTER; ROCHA W.; 2012). A narrativa em primeira pessoa e o uso de drogas em sua produção são características específicas do chamado Jornalismo Gonzo.

É a partir da segunda metade dos anos 60 que Thompson passa realmente a viver a contracultura e a comunidade hippie de San Francisco, além de começar a utilizar uma grande variedade de drogas, como o LSD, a Mescalina, além da bebida e do tabaco. Esse estilo de vida do escritor, marcado pela alucinação e pela frenese, é que acabou se tornando a marca registrada em seus textos que ficaram conhecidos como jornalismo gonzo. (RITTER; ROCHA W., 2012).

Assim como no Novo Jornalismo, O Jornalismo Gonzo foca na experiência do jornalista, mas, desta vez, de forma mais radical. “Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem” (PENA, 2006, p. 57). Thompson era repórter da revista Rolling Stones e se caracterizava por seu envolvimento pessoal com os acontecimentos que descrevia diante do perigo.

Nascido no dia 18 de julho de 1937 na cidade de Louisville, Hunter Stockton Thompson cometeu suicídio no ano de 2005. Ele fugia de normas sociais: segundo estudos de Ritter e Rocha (2012), peitava agentes do FBI, policiais e outras autoridades; roubava, destruía coisas, bebia. Já foi até preso nas vésperas de sua formatura do colegial por ter comprado bebidas (sendo menor de idade) e roubado um posto de gasolina (WENNER; SEYMOUR, 2007, apud RITTER; ROCHA W., 2012).

Ele ficou conhecido mundialmente por manter um comportamento de verdadeira repulsa pela subserviência às fontes oficiais. Amante das descrições ‘de bastidores’ e defensor do jornalismo de rua, do contato direto do repórter com suas fontes e com as situações de maneira extrema, uma de suas máximas foi afirmar que “o escritor precisa participar da cena enquanto escreve sobre ela”. (THOMPSON, 2004, apud RODRIGUES, S. C., 2013).

Ele fez parte das Forças Aéreas do Exército americano, foi candidato a xerife em uma cidade do Colorado e trabalhou como jornalista escrevendo livros e reportagens para revistas. A inadaptação às normas sociais se fez muito presente em seu jornalismo e se tornou um dos pilares do estilo que ele propulsionou.

O texto “O Kentucky Derby é decadente e depravado”, de Thompson, foi publicado no ano de 1970 na revista *Scalan’s Monthly* e foi a primeira produção classificada como jornalismo gonzo. O Kentucky Derby é uma competição de surfe que acontece em *Churchill Downs Racecourse*, em Louisville. Os críticos consideraram a reportagem uma peça diferente de tudo o que já havia sido feito no jornalismo americano até o momento. “Foi pelo tom pessoal e irreverente que o jornalista e crítico Bill Cardoso, do Boston Globe, chamou pela primeira vez o texto de Thompson de ‘gonzo’” (RITTER, 2018 apud RITTER, 2019, p. 2).

Em parceria com Ralph Steadman, ilustrador também contratado pela revista e que fez uma caricatura do público presente no evento, Hunter não falou nada da corrida em si no texto. Ele escreveu sobre sua experiência, desde quando chegou em Louisville até o final do evento. Ele nem mencionou quem ganhou a corrida.

Devido à quebra de normas e ao uso de bebidas e drogas, o colunista Bill Cardoso nomeou o texto de Jornalismo Gonzo. O termo se originou da música instrumental do pianista James Booker, Gonzo, que era a favorita de Thompson. “O termo ‘gonzo’, em Cajun, era uma gíria que tinha circulado no French Quarter (bairro francês) em torno da cena do jazz por décadas e significava, aproximadamente, ‘jogar desequilibrado’” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 126 apud RITTER, 2019, p. 7).

Após um ano, Hunter, trabalhando na revista *Rolling Stone*, publicou o livro *Medo e Delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao sonho americano*.

Nessa obra, ele viaja com seu advogado mexicano, Oscar Zeta Acosta, de Los Angeles para Las Vegas para cobrir uma corrida de motocross, que não recebe nenhuma atenção no texto, pois o assunto passa a ser a busca pelo sonho americano. (RITTER; ROCHA W., 2012, p. 10).

Era para ser uma corrida de motocicletas chamada Mint 400, mas Rodrigues S.C. (2013) conta que acabou sendo um compilado de relatos a respeito dos viciados em drogas, descrições de empregados de hotel e garçonetes e impressões pessoais de Thompson. No Jornalismo Gonzo, a voz de um civil é mais relevante do que a de um policial, por exemplo.

Dentre as características do Gonzo, estão também as histórias extravagantes sem sensacionalismo, oralidade, coloquialismo, palavrões e gírias. Ouvir todos os lados de um assunto não é necessário e o instinto do jornalista se faz mais importante do que as entrevistas. Polêmicas e denúncias são priorizadas e há excesso de humor, agressividade, sarcasmo e opiniões.

Reunindo pilares levantados por Ritter e Rocha W. (2012) e Ritter (2019), uma peça que se encaixa no estilo Jornalismo Gonzo possui:

- a) Narração em primeira pessoa. Assim, a participação do jornalista na notícia é assumida; Ele conta, inclusive, como faz para apurar a pauta;
- b) Humor e ironia;
- c) Emissão da opinião do jornalista;
- d) Uso de palavras de baixo calão;
- e) Uso de entorpecentes, sejam lícitos ou ilícitos;
- f) Quebra de normas sociais.

A produção não precisa ter, necessariamente, os 6 pontos para se enquadrar na categoria.

5 Teorias do Jornalismo

Muitas teorias são formadas em decorrência da compreensão do que é a atividade noticiosa e de como ela é feita. A Teoria do Espelho, apontada por Traquina (2005) nasceu no tempo em que a imprensa começou a crescer como indústria nos séculos XIX e XX. Ela defende que o jornalismo deve reproduzir a realidade tal como ela é. As notícias deveriam ser um espelho da realidade, e o jornalista, um comunicador desinteressado. A única forma de fazer isso seria seguindo a fórmula do lead e da pirâmide invertida.

Estudos posteriores denunciaram a pobreza dessa teoria. Invenções e mentiras são violações da ética jornalística, mas passou-se a ser compreendida a impossibilidade de se retratar a realidade tal como ela é, porque ela não é nada “em si”, ela é apenas interpretada e construída.

Os estudos em questão são a teoria do *Gatekeeper*, que aponta que o jornalista e o veículo selecionam quais fatos são notícias; a Teoria Organizacional, que sustenta que os profissionais da imprensa produzem as notícias por interesses que não o de informar seu público; a Teoria da Ação Política, que diz que toda notícia tem um interesse político por trás.

A parcialidade e a objetividade estavam sendo muito discutidas nos estudos jornalísticos nos anos 70. Assim, foi edificada a Teoria Construcionista, que argumenta que a distinção entre a realidade e o que a mídia escreve é impossível, uma vez que a mídia ajuda a construir a realidade. As notícias são produzidas com símbolos (palavras) familiares ao jornalista, que faz parte de uma cultura com seus significados.

As notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? o que? onde? quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade. (CAREY, 1968 apud TRAQUINA, 2005, p. 174).

Roeh (1968, apud TRAQUINA, 2005) sustenta que é errôneo acreditar que a linguagem pode ser neutra. Ela não possui significado e conotação intrínsecos, mas significado e conotação socialmente construídos junto dela.

Há informações nas entrelinhas. Mas não, necessariamente, no sentido de a informação ser manipulada. Se a notícia constrói ou ajuda a construir a realidade, não há distinção entre a realidade tal como ela é e a realidade construída pela mídia. O jornalista apreende a realidade de acordo com seus filtros de pressuposições sobre o mundo.

5.1 Casamentos Extremos

Casamentos Extremos (Extreme Engagement) é uma série documental da provedora de streamings *Netflix*. Estrelada por Tim Noonan e PJ Madan – e produzida por Tim – é um grande acontecimento dividido em 8 episódios. As personagens – que assim são os próprios documentaristas, estão noivas. Antes de se casarem, decidem passar um ano viajando por lugares com cuja cultura é bem diferente da australiana deles e, assim, vivenciar a ritualística do casamento local. Eles visavam ver se se dariam bem como casal e se conseguiriam lidar com as diferenças. No entanto, as ritualísticas ficam em segundo plano e as brigas que o casal acaba tendo se tornam o foco.

5.2 O Jornalismo Gonzo na série

Aqui estão alguns exemplos de onde os pilares do Jornalismo Gonzo aparecem na série documental:

- a) Narrativa em primeira pessoa; o foco são as impressões dos documentaristas; o processo de apuração, inclusive, faz parte do documento;**

A principal característica do Jornalismo Gonzo se faz presente na narrativa: os narradores vivenciam o acontecimento enquanto o contam. Não são só os lugares e culturas que são tangíveis ao espectador, mas a interação dos lugares e culturas também.

Há ainda depoimentos dos documentaristas – narração em primeira pessoa – de antes e depois da viagem:

- Depoimentos anteriores à viagem dos documentaristas em que eles contam o que esperam da viagem:

“Vamos passar o próximo ano juntos. Cada minuto do dia, lado a lado, em oito dos lugares mais difíceis do mundo.” (informação verbal)¹²

“Apenas o Tim, ou as câmeras do Tim, e eu descobrindo como tribos remotas lidam com relacionamentos.

(...)

Após ver como culturas diferentes lidam com o casamento, vamos decidir se casamos... ou não.” (informação verbal)¹³

- Depoimentos são feitos durante a viagem:

“De repente me dei conta. Estou aqui neste mundo do Tim. Podemos estar noivos há quatro anos, mas temos muito a aprender sobre nós. É empolgante e um pouco intimidante.” (informação verbal)¹⁴

Tim desabafa antes de participar de uma luta na Indonésia:

“Sei que há uma diferença entre coragem e burrice. Passei a vida descobrindo o que é isso. Acho que se parasse, não seria eu.” (informação verbal)¹⁵

PJ desabafa sobre a indiferença de Tim quando ela estava fazendo um duro trabalho forçado em Camarões na África:

¹² Relato do documentarista Tim Noonan.

¹³ Relato do documentarista Tim Noonan.

¹⁴ Relato da documentarista PJ Madam.

¹⁵ Relato do documentarista Tim Noonan.

“Vi um lado diferente do Tim hoje e preciso dizer que não foi agradável. Se é com esse Tim que vou viver na estrada por um ano, acho que vamos ter problemas sérios. Hoje esqueci que o amo. Nem estava gostando dele.” (informação verbal)¹⁶

- Há também takes noturnos dos documentaristas nas cabanas em que dormem.

b) Humor e ironia;

A espontaneidade dos documentaristas traz ironia e humor.

- Tim quer filmar muitas coisas, até mesmo a busca do casal por um lugar na mata para usar como banheiro em Camarões:

“Quer mesmo o ângulo perfeito enquanto faço cocô?” (informação verbal)¹⁷

- Quando o casal está em Papua Nova Guiné, navegam em um lago e se deparam com uma correnteza. Tim, que rema, acidentalmente bate em uma rocha. Quando sua noiva questiona se ele não viu a pedra, Tim, ironicamente responde que não e que bateu de propósito:

“Tim, você não viu?” (informação verbal)¹⁸

“Não, amor, eu bati de propósito.” (informação verbal)¹⁹

c) Emissão da opinião dos jornalistas;

Os narradores opinam em várias partes da série sobre lugares e sobre a forma que os habitantes dali vivem. PJ, mais fechada às ritualísticas, opina ainda mais. “Qualquer um acharia que o noivo delas faleceu.” (informação verbal)²⁰, diz PJ ao ver as mulheres na China chorarem todos os dias por um mês antes de se casarem para limpar o passado.

- Ela comenta sobre o clima e a forma de vida na tribo poligâmica que visitam na Nigéria.

Acho que o Tim e eu subestimamos o calor que faria. É extremamente quente. Além de quente, venta muito. Tem areia e poeira. Cai nas lentes de contato. Meus olhos estão irritados. Estou de saco cheio. Tem areia nos equipamentos de filmagem. Meu Deus! Parem a Mãe Natureza. E não há privacidade. Não tem onde ficar sozinha. A vida deles é tão aberta. Um pouco como as relações. E para completar, passados alguns dias, vamos para outra parte do deserto que é igual à da qual saímos. (informação verbal)²¹

¹⁶ Relato da documentarista PJ Madam.

¹⁷ Fala da documentarista PJ Madan.

¹⁸ Fala da documentarista PJ Madam.

¹⁹ Fala da documentarista PJ Madan.

²⁰ Fala da documentarista PJ Madan.

²¹ Relato da documentarista PJ Madan.

- Na Indonésia, PJ vê a luta entre os homens para impressionar suas mulheres e acha uma prática ultrapassada: “Sei lá. É primitivo de certa forma. Um homem lutando por sua mulher.” (informação verbal)²²

d) Uso de palavras de baixo calão;

A espontaneidade faz com que sejam emitidos alguns palavrões em momentos de raiva, principalmente nas brigas:

- Em Camarões, PJ participa do Ritual da Mulher Possuída, que, supostamente, a faria compreender os segredos para ser uma boa esposa. As mulheres então cantam, balançam PJ e jogam substâncias nela para que ela entre em um estado de transe. Na madrugada da ritualística, PJ se sente mal e Tim tenta ajudá-la levando um manto para ela. Mas ele procura fazer isso sem ser visto pelas mulheres da tribo, já que a regra é que ele fique longe, e acaba falhando.

“Porra! Fiz cagada. Elas pararam tudo porque me pegaram passando o lençol para a PJ. Não estava tentando desrespeitar. Estava tentando ajudar. Pensei que ela estava apavorada, porque eu estava. Já passei por esses rituais e fiquei com medo de ser demais para ela. Tentei protegê-la. Agora teve isso, e ela vai ficar furiosa.” (informação verbal)²³

Estou pê da vida! É sério. Vou matar o Tim. Passei a noite toda rastejando na terra, jogaram só Deus sabe o quê em mim, e ele estragou tudo. Tudo bem que não estava acontecendo nada, não senti nada, não teve transe, nem espírito, nem nada, mas ele que parecia estar possuído. As mulheres disseram que vou ter que voltar e fazer tudo. (informação verbal)²⁴

- Ao chegar à Mongólia, o destino favorito de Tim, PJ desabafa sobre sua impressão em relação ao lugar:

“Na mente dele, a Mongólia é a Meca das Mecas. Mas se eu ousasse dizer que é uma merda, acho que estaria no primeiro voo de volta para Sidney.” (informação verbal)²⁵

- Ainda na Mongólia, o casal briga durante a passagem por uma nevasca andando a cavalo:

“Poderia ser pior, PJ. Não dá para ficar mais frio.” (informação verbal)²⁶

Ao que PJ responde com mais palavrões:

“Vai se foder! Como ousa dizer que não está tão frio? Estamos numa puta tempestade de neve, Tim.” (informação verbal)²⁷

²² Fala da documentarista PJ Madan.

²³ Relato do documentarista Tim Noonan.

²⁴ Relato da documentarista PJ Madam.

²⁵ Relato da documentarista PJ Madam.

²⁶ Fala do documentarista Tim Noonan.

²⁷ Fala da documentarista PJ Madam.

e) Uso de entorpecentes, lícitos ou ilícitos

Na Floresta Amazônica, Tim faz consagração do enteógeno ayahuasca:

Tim e PJ conversam sobre isso num barco:

“É alucinógeno, Tim. É alucinógeno. Não sabemos os riscos, nem as consequências, nem como o corpo vai reagir.” (informação verbal)²⁸

Tim conta sobre o que ouviu antes de ingerir o enteógeno:

É arriscado tomar Ayahuasca. O Wewito deixou bem claro. Não é para todo mundo. Se não estiver pronto, pode abrir demais seu terceiro olho. Você terá visões e poderá se perder num labirinto de lembranças. Tem gente que nunca se recupera. Pode ficar cicatriz. Pode ver lembranças traumáticas das quais nunca vai se recuperar. Mas do outro lado disso, dizem que tem a sabedoria sagrada. (informação verbal)²⁹

Tim faz mais relatos e inseguranças ao longo episódio:

“O xamã avisa que a ayahuasca vai me acertar como uma onça. Parece que verei as profundezas da minha alma, mas, quando voltar, terei as respostas de que preciso.” (informação verbal)³⁰

E logo antes de ingerir, diz:

“Estou pronto. Só preciso de um copinho. Eles disseram que o tempo vai se desfazer. Vou ver o passado, presente e o futuro. Mas é o futuro que quero conhecer.” (informação verbal)³¹

No aeroporto antes do último destino, Tim relata um pouco de sua consagração:

Não sei se vou chegar perto de ter outra experiência daquela. Parecia que o universo estava basicamente explodindo dentro do meu corpo e da minha mente. Estava viajando tão rápido, vendo tantas cores e imagens que... o tempo literalmente parou. (informação verbal)³²

E PJ diz o que pensou quando o viu na consagração:

“Ele não se mexeu por oito horas. Oito horas! Equivale a um dia de trabalho em escritório. Sem se mexer. Espere! Ele mexeu o dedão do pé um pouco. Foi como soube que estava vivo e não num coma.” (informação verbal)³³

f) Quebra de normas sociais.

PJ e Tim se recusam a seguir algumas regras das ritualísticas de alguns lugares:

- De novo a respeito do Ritual da Mulher Possuída, Tim quebra as regras ao tentar ajudar PJ levando à ela, antes do manto, um travesseiro e água:

²⁸ Fala da documentarista PJ Madam.

²⁹ Relato do documentarista Tim Noonan.

³⁰ Relato do documentarista Tim Noonan.

³¹ Fala do documentarista Tim Noonan.

³² Relato do documentarista Tim Noonan.

³³ Relato da documentarista PJ Madan.

“Deixe-a em paz! Quer que sua mulher seja possuída? Você atrapalha entrando na cabana. Não pode dar nada a ela. Vá embora.” (informação verbal)³⁴

Mesmo assim, como já dito, Tim tenta entregar um manto a PJ, e essa quebra de regra faz com que o ritual termine.

- Na Indonésia, a última ritualística de uma sequência de tradições locais realizadas é PJ matar uma galinha, pois isso oficializaria o casamento na tribo Sasak. Entretanto, ela decide não matar. A tribo insiste, mesmo vendo que PJ não está confortável com a ideia. Percebendo que a tribo só ouviria a ele, Tim diz que não matarão, e o ritual se encerra ali.

6 O Jornalista como Narrador Personagem

O cerne da ideia defendida por Motta (2005) na Análise Pragmática da Narrativa Jornalística é “Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua.” (MOTTA, 2005, p.3), que é usada aqui como ferramenta para compreender através de quais recursos uma história é contada e como os narradores de *Casamentos Extremos* se constroem como personagens.

Farão parte dessa análise apenas 3 dos movimentos construídos por Motta (2005). Os movimentos não contemplados (2º: Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios, 5º: A relação comunicativa e o “contrato cognitivo” e 6º Metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história) não contribuem para o levantamento de respostas às questões norteadoras da pesquisa.

1º. Movimento: Recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico

As notícias, que são acontecimentos jornalísticos, são fragmentos dispersos do grande acontecimento. Esse movimento reúne esses fragmentos para a formação da história completa do ocorrido.

PJ Madam e Tim Noonan são dois australianos que estão noivos. Antes do casamento, passam um ano viajando por 8 lugares cuja cultura é bem diferente da deles, e vivem nesses destinos a ritualística do casamento. Os lugares vão desde uma aldeia em Papua-Nova Guiné, até a Mongólia.

³⁴ Fala de uma cerimonialista do Ritual da Mulher Possuída.

Os viajantes procuram seguir a maioria das tradições de cada local. Muitas são divertidas, enquanto outras várias são rejeitadas pelos documentaristas. PJ recusa seguir muito mais costumes do que Tim. As diferenças entre eles causam muitos conflitos: PJ diz que Tim pega muito pesado com ela, e Tim acredita que PJ não se empenha o suficiente pelo casamento deles. As discussões vão aumentando e os desabafos individuais de cada integrante se fazem cada vez mais presentes na série documental.

Depois de um longo período que carregou tantas brigas, eles têm um momento juntos num barco à vela na ilha Yanaba. Tim quer pegar um tubarão, e isso gera uma última briga. Antes de uma conciliação, o barco quebra e, quando eles caem no mar, chegam perto da morte. Depois de um tempo, percebem que os motivos que os levaram a tantas brigas eram pequenos perto do amor que sentem um pelo outro.

Eles então se comprometem a ficar juntos e celebram uma bela cerimônia organizada pelo povo de Yanaba.

3º Movimento: a construção de personagens jornalísticas (discursivas)

Esse movimento reconhece as personagens numa espécie de arquétipos, funções, assumidas na história. Esses papéis podem ser de protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes etc.

Na série documental analisada, as personagens é que se constroem. Assim, há a ilusão de integridade delas, de que são nos mostradas por inteiro. Elas assumem mais do que apenas um papel. São mais do que apenas “herói” ou “vilão”. Há a ideia de que elas são “pessoas reais”, com todas as suas qualidades e defeitos. A espontaneidade dos takes pode fazer o telespectador enxergar dessa maneira.

Ainda no objeto, e no Jornalismo Gonzo, eventos anteriores da vida das personagens que não estão ligados ao foco da narrativa fazem parte da história. Reuter (2002, p.41-43, apud MOTTA, 2005, p. 8) classifica as personagens de acordo com seus feitos através de 6 categorias:

1) qualificação diferencial: concerne à natureza e qualificações atribuídas às personagens;

PJ, antes da viagem, desempenhava o papel de jornalista e usufruía de sua vida urbana e glamurosa. Ela é empoderada, atenciosa com seu noivo, um tanto fria e cética.

Tim era cineasta. Ele é aventureiro, gosta de adrenalina e tenta, frequentemente, exibir masculinidade.

2) funcionalidade diferencial: diz respeito não ao “ser”, mas ao fazer da personagem relativo ao seu papel na história;

Tim quer vivenciar quase todas as tradições dos lugares visitados e mostrar à PJ que o estilo de vida viajante pode ser incrível.

PJ concordou em vivenciar essa grande aventura ao lado de Tim, o que ela vê como um grande empenho por si só. Ela é cética em relação à várias tradições.

Na história em questão, eles são noivos, e a narrativa é sobre esse fragmento de suas vidas.

3) distribuição diferencial (articula o ser e o fazer): concerne às aparições mais ou menos frequentes, por mais ou menos tempo;

Aqui eles são o noivo e a noiva.

4) autonomia diferencial: combinação das possibilidades de aparecer só ou de encontrar outras personagens;

Tim é aventureiro e anseia por adrenalina.

PJ gosta mais de conforto, é realista, cética, e um pouco fria se comparada com Tim.

5) pré-designação convencional (também combina o ser e o fazer): o status da personagem é identificado por marcas genéricas, traços físicos, tipo de ação, que torna-a familiar ao leitor de acordo com os gêneros (o detetive no romance policial, o cowboy no western, etc.);

PJ e Tim assumem mais de um papel na história. PJ poderia ser apenas a mulher mesquinha com interesse em compras, luxo e nada mais. Entretanto, as mulheres reais não possuem apenas um interesse. A documentarista é uma mulher de opinião, intelectual – jornalista – e autossuficiente.

Tim poderia se relacionar apenas ao que é socialmente tido como masculino, mas ele possui características como sensibilidade e redenção quando necessário.

6) comentário explícito: diz respeito ao discurso do narrador a propósito da personagem, que a qualifica.

Os narradores são as próprias personagens.

PJ se vê como uma mulher de fortes opiniões, porém também um fracasso por já ter se divorciado. Ela saber que se empenha no relacionamento com Tim.

Tim sabe que é um grande aventureiro e se vê também como uma pessoa corajosa. Admite seu desejo por se mostrar másculo e seu medo de abandono.

A questão principal é que os documentaristas decidem quando ligar a câmera. Além disso, a série foi editada antes de se tornar o produto ao qual temos acesso. Apesar de aparentar que Tim e PJ não são fragmentos, arquétipos, eles são sim, mesmo que menos simplistas e mais desenvolvidos.

No caso do jornalismo sabemos que a personagem representa uma pessoa com existência real. A pessoa real é sempre irreduzível às narrativas que se contam a seu respeito. Sucede, continua ele, que sabemos dessa pessoa apenas a personagem que os mídia nos oferece. (MOTTA, 2005, p. 7).

Não é possível enxergar a totalidade. Como já observado na Teoria Construcionista, cada um apreende o real de uma forma e o ser absoluto, o ser em si não existe.

4º. Movimento: Estratégias comunicativas

Com a ideia da objetividade do jornalismo, o narrador deveria se distanciar e tentar camuflar sua mediação. A intenção, nesse caso, é fingir que ele não existe. No objeto analisado, os narradores falam de si. Mas na verdade, eles falam sobre o que enxergam de si, e não podemos vê-los de uma perspectiva que não essa. Apesar da espontaneidade em alguns momentos passar a impressão de que nada ali pode ser forjado, não é a totalidade.

Há sim recursos para a construção da narrativa da série. Essa passou por edições. Os takes foram reorganizados em uma linearidade específica. Esse recurso monta a história a causar uma identificação na audiência e fazer com que essa se interesse em saber qual será o futuro da relação do casal.

Motta (2005) aponta que os efeitos do real e os efeitos de sentido (compaixão, dor, amor, etc) serão dosados de acordo com as estratégias do narrador. Há dois tipos de estratégia:

a) Estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real

Uma das estratégias desse tipo é a de reduzir a história inteira ao momento atual. Na verdade, não temos acesso nem ao passado e nem ao futuro das personagens. Vemos a viagem e temos de confiar no que é relatado sobre o passado. O texto

jornalístico é uma representação da realidade, não a realidade em si. Mas isso causa o efeito de real.

A imagem de “pessoas reais” – os desabafos, a vulnerabilidade, a intimidade – é um recurso utilizado para que quem assiste confie na veracidade da trama. O fato de ela acontecer em lugares reais identificados no início de cada episódio também.

A identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem) também cumpre uma função argumentativa: localiza, situa, transmite a ideia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas. (MOTTA, 2005, p. 10)

Há também uma pequena referencialidade temporal: recebemos a informação de que a viagem dura um ano e a quantidade de dias passados é mostrada em alguns episódios.

b) Estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos

A narrativa jornalística não resolve os conflitos que traz. A audiência acompanha as notícias de forma semelhante ao acompanhamento de uma novela.

O objeto tem um início, um desenvolvimento e um final, mas apenas se analisado com seus oito episódios ligados um ao outro. Surgem alguns conflitos ao longo da narrativa - como a possibilidade de PJ não poder gerar um filho, o fato de ela talvez não querer se casar, não usar a aliança e a dúvida de ambos perante a relação – que se estendem por mais de um episódio, que prende o telespectador.

Fazer com que a audiência se identifique com as personagens, que são inconstantes, emotivas, engraçadas, aflitas, felizes, desleixadas e impulsivas como “pessoas reais” é também uma estratégia. O choque de cultura para elas é tão grande quanto seria para a maioria das pessoas que assistem se visitassem aqueles lugares. Tal identificação causa curiosidade no público e esse quer saber o que acontecerá com aquelas pessoas tão parecidas com ele.

Como última estratégia de subjetivação, há uma extra linguística: a edição das filmagens. A história completa seria contada em apenas um take grande que acompanha passo a passo de todos os dias vividos pelos protagonistas. Porém, o produto mistura momentos em que eles estão vivendo com os nativos aos desabafos individuais a respeito de suas aflições e depoimentos sobre a viagem que foram gravados antes e depois. Além disso, muita coisa foi cortada. Afinal, a série não possui um ano de duração.

O foco nas discussões norteia a narrativa, mas é impossível saber se PJ e Tim realmente passaram a maior parte da viagem brigando.

7 Considerações Finais

A literatura começou a se fazer presente no jornalismo nos estilos Jornalismo Literário e *New Journalism*. As características dessa influência são profundidade, humanização e grande envolvimento do jornalista ao contar a história. Nessas formas de se fazer jornalismo, a diferença é que esse envolvimento é assumido, visto que ele acontece em qualquer peça jornalística, só que costuma ficar oculto pela busca da suposta objetividade no jornalismo factual.

No Jornalismo Gonzo, o envolvimento do jornalista com seu objeto é ainda mais radical. As impressões e opiniões do escritor são o foco da produção e a apuração e o desenvolvimento são a própria pauta. Humor, ironia, palavrões e entorpecentes também compõem esse tipo de reportagem.

O objeto da pesquisa é a série documental *Casamentos Extremos*, cujo foco da narrativa são as impressões e reações dos documentaristas, que são também o objeto jornalístico.

No início, a análise do objeto partiu da suposição de que, devido à espontaneidade dos narradores no processo de documentação, esse seria feito de forma completamente espontânea, sem estratégias. No entanto, essa suposição estava errada.

Com a metodologia da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, foi possível compreender que quem assiste a série só possui acesso ao que os narradores mostram de si, ou, no máximo, à visão que eles possuem de si. Mas essa também não é a totalidade, nem o objeto “em si”. Além disso, o material foi editado, e cenas foram selecionadas para a construção de uma história específica.

Além da edição, são também estratégias de narrativa os desabaços dos protagonistas e a exposição de seus sentimentos, já que isso causa aproximação com o público através da identificação desse.

Uma contribuição que esta pesquisa trouxe à sua autora foi o entendimento de que as estratégias estão presentes no narrar até mesmo na espontaneidade e nos momentos de entrega – das vivências isoladas de seus relatos. Este trabalho também apresenta contribuição para a academia com os estudos sobre Jornalismo Gonzo,

esse ainda sob resistência dos profissionais mais apegados ao jornalismo convencional.

Referências

ABBATE, L, Giovanna. Jornalismo Gonzo na série documental Casamentos Extremos: O Jornalista como Narrador Personagem. 2021. Pró-Reitoria Acadêmica e Assuntos Estudantis - Curso De Jornalismo, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2021.

CASAMENTOS EXTREMOS. Direção de Tim Noonan. Distribuidora: Netflix, Austrália: 2019.

GP HISTÓRIA DO JORNALISMO, ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 12., 2012, Fortaleza, CE. **Jornalismo Gonzo**: medo e delírio no New Journalism. Fortaleza, CE: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

LIMA, P, Edvaldo. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole Ltda., 2009.

MOTTA, G, Luiz. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. 2005. Tese – 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

REVISTA ALTERJOR. São Paulo: ECA-USP, 2013.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo incubado no Brasil**: Hunter S Thompson experimentando o estilo como correspondente internacional nos anos 1960. 2019. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. 2.ed. Florianópolis/SC: Insular Ltda. 2005.

Capítulo 5

**SARAU DANÇANTE: VERSOS E PROSAS
NUMA POÉTICA TEÓRICO-PRÁTICA DE
CORPOS MADUROS EM CENA**

**Claudilene Castro de Lima
Natalia Cristina de Camargo
Daniela Llopart Castro**



SARAU DANÇANTE: VERSOS E PROSAS NUMA POÉTICA TEÓRICO-PRÁTICA DE CORPOS MADUROS EM CENA³⁵

Claudilene Castro de Lima

Graduanda no Curso de Dança Licenciatura

Universidade Federal de Pelotas

Membro da Equipe do Projeto de Pesquisa Mapeamento da Dança no Rio Grande do Sul - UFPel. Bolsista voluntária do Projeto de Extensão Bailar – Núcleo de Dança na Maturidade - UFPel. Bolsista no PIBID –Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-UFPel. Aluna-Pesquisadora no Projeto de Pesquisa

Literacorporo – UFPel

di-dancaufpel@outlook.com

Natalia Cristina de Camargo

Graduanda no Curso de Dança Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas.

Bolsista do Projeto Unificado Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade - UFPel. Artista do Grupo Tholl.

nataliacmg@yahoo.com.br

Daniela Llopart Castro

Universidade Federal de Pelotas

Doutora em Motricidade Humana na Especialidade de Dança pela Universidade de Lisboa. Professora Adjunta do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa ÔMEGA e GEEDAC (Cnpq). Coordenadora do Projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade. Colaboradora do Projeto Tendências epistemo-metodológicas da produção de conhecimento em Artes. Diretora artística do Baila Cassino Grupo de Dança. Atualmente coordenadora da Câmara de Extensão do Centro de Artes (UFPEL).

danielallopcastro@gmail.com

³⁵ Texto baseado em trabalho apresentado no VIII CEC Congresso de Extensão e Cultura da 7ª SIEPE – Semana Integrada UFPEL 2021.

Resumo: Este estudo tem como objetivo discorrer sobre a proposta de criação do Sarau Dançante, uma ação realizada no Projeto de Extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade da Universidade Federal de Pelotas. A ideia do Sarau surgiu em meados de junho de 2020, período no qual já vivenciávamos a pandemia e por conta disso o modo on-line tornou-se uma constante. Aos poucos, fomos percebendo como as pessoas em geral estavam saturadas das numerosas atividades virtuais sem um programa artístico. Diante disso, delineamos a proposta com o escopo de promover encontros teórico-práticos com artistas da dança, possibilitando performances e reflexões sobre os corpos maduros em cena. Destaca-se neste trabalho a fazedura de um relato da experiência vivida, através da descrição das atividades realizadas durante os preparativos da ação, percepções individuais mais relevantes, bem como dados quantitativos desta primeira edição, provocando uma atitude reflexiva sobre a ação empreendida, a partir do olhar de alguns teóricos como Prado e Goettems (2009) Vianna (2006), Vieira (2016), Castro, Monteiro e Santos (2018), dentre outros. O pensar sobre as possibilidades que os corpos mais experientes produzem para a cena reverberou em nós a partir das poéticas performáticas apresentadas por cada convidado, acreditando, assim, que o objetivo primeiro da ação foi alcançado com a realização da proposta anunciada.

Palavras-chave: Sarau Dançante. Corpos maduros em cena. Artistas da dança. Poética teórico-prática.

Abstract: This study aims to discuss the proposal to create the Sarau Dançante, an action carried out in the Bailar Extension Project: Nucleus of Dance in Maturity of the Federal University of Pelotas. The idea of Soiree came up in mid-June 2020, a period in which we were already experiencing the pandemic and because of that the online mode became a constant. Gradually, we began to realize how people in general were saturated with the numerous virtual activities without an artistic program. In view of this, we outlined the proposal with the scope of promoting theoretical-practical meetings with dance artists, enabling performances and reflections on mature bodies on stage. It is highlighted in this work the making of an account of the lived experience, through the description of the activities carried out during the preparations of the action, more relevant individual perceptions, as well as quantitative data of this first edition, provoking a reflective attitude about the action taken, from the perspective of some theorists such as Prado and Goettems (2009) Vianna (2006), Vieira (2016), Castro, Monteiro and Santos (2018), among others. Thinking about the possibilities that the most experienced bodies produce for the scene reverberated in us from the performative poetics presented by each guest, thus believing that the primary objective of the action was achieved with the realization of the announced proposal.

Keywords: Dancing Soiree. Mature bodies on the scene. Dance artists. Theoretical-practical poetics.

PRINCIPIANDO

O tempo pode impor limites ao corpo. Como você lida com esses limites? Você tem limites? Você sente esses limites?

Tenho. Eu não tenho mais a técnica que tinha há 20,30 anos atrás, especialmente por causa das fraturas que tive, mas quem na realidade

não tem limites? Eu sei exatamente a imagem com a qual quero dançar. Tudo depende do meu interior. Tudo deve ser feito do interior para o exterior e nunca do exterior para o interior, nunca. (Reneé Gumiel – bailarina e coreógrafa, apud A Terceira Idade, 2004, p.89)

O trabalho aqui descrito é fruto de uma ação realizada no Projeto de Extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela professora Doutora Daniela Castro, acompanhado pelas discentes do curso de Dança Licenciatura Natália Camargo e Claudilene Lima. Esta ação surgiu em meados de junho de 2020, período no qual já vivenciávamos a pandemia de covid-19 e, por conta deste momento anômalo, o modo on-line tornou-se uma constante. Fomos percebendo como as pessoas em geral estavam saturadas das numerosas *lives* de famosos, cursos online, vídeo-aulas e tantos outros conteúdos virtuais sem uma proposta artística, e decidimos, assim, conceder uma atenção maior ao público da maturidade. Destarte, começamos então a delinear a proposta do Sarau Dançante a qual trouxe como escopo promover encontros teórico-práticos com artistas da dança, possibilitando performances e reflexões sobre os corpos maduros em cena.

Faremos aqui um relato da experiência vivida, através da descrição das atividades realizadas durante os preparativos da ação, percepções individuais mais relevantes, bem como dados quantitativos desta primeira edição, todas informações provocando uma atitude reflexiva sobre as ações empreendidas. Uma escrita versada com pensamentos de Prado e Goettems (2009) na questão de espacialidade e na maturidade do corpo baseados em Vianna (2016); Vieira (2016); Castro, Monteiro e Santos (2018); entre outros. No decorrer do texto, discorreremos sobre como esses corpos maduros se inter-relacionam numa poética dançante traçada entre versos e prosas e quais possibilidades e reflexões surgem a partir dessas relações.

DIALOGANDO COM IDEIAS

O Projeto Bailar tem como alicerce levar à comunidade da maturidade o acesso às informações difundidas no meio acadêmico em relação à composição coreográfica e montagem de espetáculos, através dos alunos como participantes desses processos. Apregoar a arte da dança na maturidade é um dos seus principais objetivos.

Por consequência do momento pandêmico em que vivemos, tanto as aulas de dança quanto as composições coreográficas e montagens de espetáculos tiveram que ser suspensas. Mas a vontade de dançar, ver os corpos maduros em cena, compartilhar vivências e trocar experiências entre os artistas da dança propiciando ao público em geral momentos únicos de deleitamento que a arte da dança carrega em sua composição era, com toda a certeza, um desejo coletivo de ver esses corpos em movimento.

Parafraseando Merleau-Ponty (1992 *apud* DANTAS, 2020, p. 105):

Direi que a dança não celebra outro enigma que o do movimento no corpo. O corpo que dança não é um único corpo. É uma multiplicidade de corpos: cada movimento inaugura novas formas no corpo, cada nova forma é já um novo corpo que surge. Se soldados fazem de cem corpos um só corpo, o bailarino faz de um corpo mais de mil.

Acreditando nesse pensamento é que surgiu a ideia do Sarau Dançante, colocar em cena bailarinos maduros que se propunham a experimentar outros espaços na virtualidade do momento. Assim, com o mesmo olhar cuidadoso que o Projeto costuma ter, na forma presencial, com o público da maturidade, o mantivemos também na criação do Sarau Dançante, dentro deste formato on-line, pois sabemos que no atual cenário em que vivemos um olhar acurado e alicerçado nas trocas de vivências é primordial.

O Sarau Dançante traz de forma bem contundente a relação dos corpos maduros com a dança, instigando-nos a falar sobre o processo de envelhecimento desses corpos, de suas limitações, dos pré-conceitos existentes na sociedade, nas comparações que os artistas da dança enfrentam por seus corpos não terem mais um virtuosismo, algo constantemente requisitado de forma irracional pela população.

É o que acontece com as bailarinas clássicas, que passam uma vida dentro da exigência virtuosa do mundo do ballet e também sofrem a cobrança da sociedade para ter um corpo dentro de padrões pré-estabelecidos; quando seus corpos vão ficando mais maduros, a cobrança chega e tem-se um preço alto para pagar. (DUARTE; SILVA, 2021). Essa busca constante por esse corpo belo, por esse virtuosismo, acarreta o demérito do corpo maduro da bailarina mais velha. Porém, elas “estabelecem relações de aceitação com seus corpos, acolhem as mudanças de

metabolismo e enxergam as potencialidades e a beleza que existe em “contar uma história com o seu corpo”. (DUARTE; SILVA, 2021, p. 62)

Esses padrões vêm sendo rompidos e cada vez mais acentuados, principalmente na contemporaneidade. Assim como elucida Roubaud (2016):

Sucessivas gerações de criadores do século XX viriam a contestar – quantas vezes ao limite –, as premissas da dança convencional. Os palcos, primeiro os alternativos e depois os consagrados, foram progressivamente invadidos por tudo aquilo que em décadas anteriores ninguém imaginaria ou quereria ver escancarado em cena: a diversidade morfológica e étnica; gestos, corpos e pessoas comuns; a deformidade física e a doença; a imponderabilidade dos papéis de gênero e das orientações sexuais. E a presença cada vez mais assídua de intérpretes de idade avançada. (Roubaud, 2016, p.210-211)

É essa presença, de corpos diversos e maduros em cena, que vem fazendo um desmonte daquilo que já não cabia mais. Os palcos são de todos os corpos. “Assim, os corpos dançantes na maturidade, ao atuarem, nos dão a possibilidade de criar novos olhares para a arte da dança” (CASTRO; MONTEIRO; SANTOS, 2018, p. 357).

O Sarau Dançante nos levou a refletir sobre o corpo mais velho na dança, provocando-nos a pensar sobre que dança esse corpo faz; ao mesmo tempo, em versos e prosas, nos leva conduziu à uma poética da dança, onde a obra se materializava nos corpos dos bailarinos. Essas “poéticas da dança são histórias inscritas nos corpos que dançam” (DANTAS, 2021, p. 44).

PERCURSO TRILHADO

A ideia do Sarau Dançante surgiu em meados de junho de 2020. Neste período já vivenciávamos a pandemia e por conta disso o modo on-line tornou-se uma constante. Percebendo a saturação das atividades que vinham acontecendo, sobrepôs-se uma vontade de executar algo diferente, uma proposta prática, que suprisse nossa carência e das pessoas ao nosso redor, em estar no palco apresentando algo preparado para um público com o intuito de levar uma poética teórico-prática com e para corpos maduros. Porém, impossibilitados pelo isolamento social exigido pelo momento, utilizamos as ferramentas disponíveis para requalificar o conceito de apresentação que estávamos acostumados, transformando espaços e

ambientes corriqueiros em palcos para nossos artistas. Como colocam Prado e Goettems (2010):

[...] o espaço capaz de ser sentido, pensado, construído e vivido através e pelos corpos. Nesse sentido, o espaço não existe a priori, ele se constitui e é criado a partir das interações e das relações humanas. Podemos nos questionar, desta maneira: precisamos de um espaço (lugar físico) para as propostas em dança, ou podemos atribuir esse valor a um espaço qualquer? (PRADO; GOETTEMS, 2019, p. 45).

Mantendo o foco do projeto Bailar – a dança com a maturidade, o Sarau Dançante foi composto por cinco encontros, com temáticas diversificadas que culminavam em questões relacionadas à dança e envelhecimento, num jogo poético entre artistas, cena e plateia. Cada *live* do Sarau foi estruturada pensando nos convidados, temas que seriam abordados e apresentação dos artistas (figura 1). O primeiro passo foi definir dia e horário para alcançar maior público, criar uma identidade visual para o Sarau e estabelecer um cronograma de divulgação. Todo o material foi pensado e construído pelas alunas participantes do projeto, juntamente com a coordenadora. Foram elaborados dois tipos de cartazes, um para divulgação inicial constando dia, hora, link de acesso, tema, fotos, nomes dos convidados e o título ‘Versos e Prosas’, numa alusão poética às apresentações seguidas de conversas afetivo-reflexivas. Depois um banner para cada convidado, reforçando a chamada ao público e enaltecendo os artistas que estariam presentes com foto e breve biografia.

Figura 1. Artistas da dança – Convidados do Sarau Dançante



Fonte: Elaboração própria

Em cada *live*, temas específicos relacionados à maturidade e aos corpos maduros em cena, previamente selecionados, foram abordados. Os artistas escolhidos receberam o roteiro da edição, com perguntas e temas que seriam tratados durante a conversa, além de tempo para se programar, criar e ensaiar sua performance. Como todo bailarino gosta de marcar palco antes de uma apresentação, fazíamos uma sessão teste, onde os participantes desenvolviam habilidades com o sistema virtual utilizado, ficando à vontade para realizarem uma participação leve, tranquila e com um bom desempenho. Durante esses testes, era demarcado o posicionamento da câmera de cada participante para a performance e bate papo, estabelecida a ordem de apresentação de cada convidado e passadas as instruções de como a plataforma funcionava, ressaltando que, se porventura surgissem dúvidas, as mesmas eram prontamente elucidadas.

REFLETINDO SOBRE O PROCESSO

Pautado em promover encontros teórico-práticos com artistas da dança, possibilitando performances e reflexões sobre os corpos maduros em cena, o Sarau Dançante trouxe uma diversificação de artistas contemporâneos que apontam, assim como nos diz Castro, Monteiro e Santos (2018, p. 357), “na direção de compreender a dança como prática libertadora da expressividade de movimentos, possibilitando uma infinidade de maneiras de compor, através do material corporal que se apresenta disponível”.

O Sarau Dançante contou com cinco *lives* no segundo semestre de 2020, onde foram abordadas diferentes temáticas, cada uma delas trazendo a sua poética, mas todas com o mesmo intuito, performar e teorizar as diversas relações e reflexões sobre os corpos maduros em cena, mantendo a dinâmica de performances e questionamentos a serem versados. Começando pelas apresentações artísticas, trazendo para o público que assistia aos encontros, uma linguagem poética de acordo com o tema abordado, em seguida a mediadora da *live* iniciava o bate papo com os convidados através de questionamentos provocadores onde o público também podia interagir pelo chat. Dessas conversas surgiram muitas reflexões sobre o caminho que cada participante percorreu até aquele momento, trazendo percepções sobre o seu corpo maduro na dança.

Essas conversas nos levaram a perceber o quão importante são os compartilhamentos coletivos e como isso nos leva a sensibilizar nossos corpos para a dança, para a arte. Kleinubing (2009, p.74) resume muito bem com essa fala:

A sensibilização e organização das pessoas que compartilham a dança, a experiência de serem corpos dançantes, faz com que essas se voltem para suas histórias. Nisso, a experiência estética, dimensão da sensibilidade, criatividade e potencialidades humanas, se amplia pela experiência do corpo-próprio em movimento e no movimento do corpo para/com o outro, se voltado para o exercício da criação que conseqüentemente e simultaneamente colabora para o conhecimento de si.

Na primeira *live*, que teve como tema ‘Corpo maduro no ballet clássico’, as performances apresentadas pelos convidados já carregaram em si algumas respostas para a conversa que se daria após, como por exemplo, de que corpos maduros podem sim dançar ballet clássico, mantendo vivos em si toda a técnica apreendida, adaptada

à nova realidade e limites corporais. Como coloca York-Pryce (2014), informações relacionadas à continuidade da carreira do bailarino, como memória muscular, experiência corpórea e habilidades de desempenho que se mantém com o tempo, devem ser levadas em consideração no desenvolvimento dos trabalhos, auxiliando na compreensão de que, quem pratica dança, não precisa parar em determinado período da vida.

Na segunda *live* 'Produções audiovisuais em Dança com corpos maduros', o público foi agraciado com três performances carregadas de toda individualidade de caminhos cênicos percorridos. A discussão foi em torno da dificuldade que é a produção de dança totalmente virtual diante do cenário em que vivemos de isolamento social, porém, um desafio necessário para todos. Sabemos que a pandemia trouxe, de maneira inimaginável, dores, sofrimento, mudanças repentinas, distanciamento social e tudo isso de forma muito rápida. O uso, quase que obrigatório, das tecnologias foi uma das mudanças nesse processo brusco, afetando todos os setores e com a dança não foi diferente. Por outro lado, conforme CAVALLI et al. (2022), pode-se creditar a ela certo redimensionamento nas relações humanas em termos sociais e educacionais por meio da tecnologia, da inovação e acesso a outras maneiras/métodos de aproximação das pessoas, e isso também proporcionou à dança essa proximidade, mesmo que com todas as dificuldades enfrentadas

'O ensino e as produções em dança na maturidade', foi tema da terceira *live*. Performances singulares apresentadas por bailarinos e professores de grupos da maturidade entregaram ao público a sensação do quanto nossos corpos podem se movimentar e do quanto a dança traz mais vida aos corpos. Relataram os desafios em desenvolver atividades dançantes com esses grupos, falando também sobre as produções de obras dentro desse momento atípico que o mundo todo está vivendo.

Para a quarta *live* o tema escolhido foi 'Um olhar para a maturidade na formação do professor de dança', temática de extrema importância, tanto para quem já vive a docência em dança, como para quem ainda está percorrendo esse caminho de formação. Versamos muito sobre como os e as artistas, sendo também professores/as de cursos de graduação em Dança, contribuem na formação de seus alunos e alunas, no que tange ao tema maturidade. Assim como nos diz Pareyson (1997), quando se refere a formação do artista, na relação mestre e discípulo:

O mestre não “ensina” ministrando noções teóricas ou principalmente especulativos ou leis gerais ou explicações científicas, mas “fazendo fazer”, e o aluno não “aprende” no sentido de acumular um patrimônio de cultura doutrinal, mas “fazendo” e operando. [...] em arte o mestre só é tal na medida em que vai fazendo, e que a única coisa que em arte se pode ministrar consiste em “provocar” nos aprendizes a exigência de fazer por si mesmos e ser fiéis à própria singularidade e originalidade. (PAREYSON, 1993, p. 150)

O assunto para a última *live* foi a ‘Trajetória artística do Grupo Baila Cassino’. Neste encontro, bailarinas e integrantes de um grupo de maturidade trouxeram, com suas performances, movimentos dançantes que traduzem a memória corporal de cada uma. Foram exaltadas pelo público que assistia e relataram as experiências de mulheres maduras e bailarinas de um grupo de dança, reforçando a colocação de VIEIRA (2016, p.161), de que “na dança o corpo maduro quando animado se põe a dançar. Posso exemplificar que para essa manifestação artística o corpo não tem validade de ‘aposentadoria da dança’”.

Ademais, a partir dos tradicionais levantamentos de dados, que são o exemplo clássico do estudo de campo quantitativo (POPPER, 1972), obtivemos também como resultados alguns dados numéricos das edições realizadas a cada encontro:

Tabela 1: Dados quantitativos da 1ª edição do Sarau Dançante

Data	Tema do Sarau Dançante	Visualizações	Duração
27/08/20	Corpo maduro no ballet clássico	319	1h27min
09/09/20	Produções audiovisuais em Dança com corpos maduros	221	1h31min
01/10/20	O ensino e as produções em dança na maturidade	310	1h37min
15/10/20	Um olhar para a maturidade na formação do professor de dança	266	1h39min
29/10/20	Trajetória artística do Grupo Baila Cassino	197	1h28min

Fonte: Elaboração própria

A tabela nos mostra que o Sarau Dançante foi produtor ao que se propôs, visto que todos os encontros atingiram um grande número de visualizações, num

momento onde a saturação das atividades *on line* já estava agravada, perdendo o interesse do público de forma geral. Além disso, perceber uma dimensão de espectadores voltados às produções de dança com a maturidade, fortalece nossa crença de que a dança não tem idade para acontecer. Parafraseando Miller (2012, p.149):

Qual é o corpo que dança? Arrisco responder que todo indivíduo pode dançar quando se vê na sua dança por meio do seu querer e do seu sentir. O corpo que dança é o que se permite um estado de dança que é diferente para cada um, para cada soma. Logo, a dança não é algo externo, mas um estado que pode ser construído com procedimentos específicos quando se propõe ir para a cena. A dança também pode estar dentro do ser, como aquela praticada pela criança com tanta espontaneidade, a dança de todos os seres humanos, os somas que querem dançar. Há dança onde se vê dança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vocês enxergam de possibilidades nestes corpos mais experientes que pode ser colocado em cena? Questionamento feito aos convidados que ainda reverbera em nós. Podemos dizer que a resposta para essa pergunta se deu nas poéticas performáticas que cada convidado apresentou. Suas manifestações corporais, trazidas cenicamente, mostraram todas as possibilidades de movimentos que cada corpo maduro possui. Desta forma, indo ao encontro do filósofo Nietzsche, quando fala sobre a potência do corpo, “[...] o mais surpreendente, é antes, o corpo; não podemos deixar de nos maravilhar com a ideia de que o corpo se tornou possível”. (DELEUZE *apud* VIEIRA, 2016, p. 164). Apreciar tais potencialidades e possibilidades, como coloca Nietzsche, nos dá a certeza de que a maturidade não é razão para que se fechem as cortinas para esses corpos.

Como bolsista e monitora, relatamos que este projeto funcionou como uma fênix, causando o efeito de renascimento para os artistas convidados que se dispuseram a compartilhar um pouco de sua história e arte, e também para o público, que pôde, de uma maneira diferente, interagir com obra e criador. Assim, como diz Vianna (2006, p.71), “quando podamos a expressividade de nosso corpo, impedindo que respire, estamos cortando nosso cordão umbilical com o mundo”. Além disso, participar de todo o processo dessa ação foi muito enriquecedor, seja como um enorme contribuinte para nossa formação, seja como um deleite apazível que a

poética da dança provocou em nosso ser. Pontuamos ainda que a reação do público participante, pelas palavras eufóricas que transmitiam aos convidados através do *chat*, fizeram toda a diferença para o sucesso do Sarau Dançante.

Acreditamos que nosso objetivo principal foi alcançado. Possibilitamos artistas da maturidade se expressar verbal e subjetivamente com a poética de sua expressão e arte, além de proporcionar a fruição e deleite do público e interação com os convidados durante as *lives*, deixando como aspiração a continuidade das edições do Sarau Dançante.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Daniela; MONTEIRO, Elisabete Adriana; SANTOS, Eleonora. Na vida, no palco, na cena: amadurecer dançando, por que não? **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p.351-362, 2018.

CAVALLI, Adriana; COPELLO, Fabiola; REIS, Gabrielle; CAVALLI, Marcelo. Inovação na “sala de aula” da universidade aberta para idosos: o uso das tecnologias digitais para acolhimento e ensino. **Expressa Extensão**. v. 27, n. 1, p. 225-233, jan-abr, 2022. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/inova%C3%A7%C3%A3o-na-%E2%80%9Csala-de-aula%E2%80%9D-da-universidade-aberta-para-idosos-o-uso-das-tecnologias-digitais> . Acesso em 15 fev 2022

DUARTE, Gustavo de Oliveira; SILVA, Daniela Grieco Nascimento e. O processo de envelhecimento de bailarinas clássicas gaúchas. In: DUARTE, Gustavo; MACHADO, Gabriella; FOLMER, Ivanio. **Gênero e Diversidade na Educação**. Santa Maria: Arco Editores, 2021, p.51-65.

KLEINUBING, Neusa. A dança como espaço-tempo de compartilhamento de subjetividades: possibilidades da educação física no ensino médio. 2009, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?** Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.

PAREYSON, Luigi. **Verdade e interpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROUBAUD, Luisa. Contemporaneidade amadurecida. In: MACARA, Ana; BATALHA, Ana Paula; MORTARI, Kátia. (org.) **Corpos imperfeitos**: reflexões para o entendimento da diversidade do performer contemporâneo. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 2016, p.209-221.

PRADO, Patrícia; GOETTEMES, Milene. Educação Infantil: tempos e espaços para danças e infâncias. **Revista Chilena de Pedagogía**. v.1, n.1, p.36-53, 2019.

Disponível em:

<https://revistadepedagogia.uchile.cl/index.php/RCHP/article/view/55631>.

VENEZIANO, Neide. Entrevista a Reneé Gumiel. *A Terceira Idade*, v. 15, n. 31, p.84-93. São Paulo, 2004.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 2006. Separata de: 6, *Estar no mundo*, 2006. p.69-72.

Disponível em: < <http://www.klaussvianna.art.br/Arquivos/2642/900800-SP-TKV-LIV1.pdf> > Acesso em: 01/02/2021

VIEIRA, Marcílio. A memória gruda na pele ou a dança madura do corpo. **Art**

Research Journal. v. 3, n. 2, p. 160-177, Brasil, jul/dez, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/download/9525/7812>> Acesso em: 01 fev 2021

YORK-PRYCE, Sonia. **Ageism and the Mature Dancer**. Conference Paper presented. Conference: time, space & the body. Mansfield College, Oxford University, UK. p.1-12, 2014.

Capítulo 6

**IDENTIDADE, PRIVACIDADE E
SOCIALIZAÇÃO: REVOLUÇÕES CULTURAIS
DO TEMPO PRESENTE**

Arthur Henrique Lux

IDENTIDADE, PRIVACIDADE E SOCIALIZAÇÃO: REVOLUÇÕES CULTURAIS DO TEMPO PRESENTE

Arthur Henrique Lux

Atualmente é Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná, sendo Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina e atuante como Historiador e Pedagogo.

Contato: arthurhlux@outlook.com

Resumo

O presente artigo estabelece considerações acerca da existência de revoluções culturais no tempo presente, em específico a questões como identidade, privacidade e socialização. Em diálogo com Bauman e outros autores contemporâneos, compreendemos uma mudança em curso em relação a maneira com que os homens se relacionam na dinâmica do mundo real e virtual, considerando que tais mudanças são apenas inteligíveis na (re)configuração das sociedades globalizadas e conectadas da contemporaneidade.

Palavras-chave: Tempo Presente; Identidade; Cultura; Redes Sociais.

Abstract

This article establishes considerations about the existence of cultural revolutions in the present time, specific to issues such as identity, privacy and socialization. In dialogue with Bauman and other contemporary authors, we understand an ongoing change in the way men relate to the dynamics of the real and virtual world, considering that such changes are only intelligible in the (re) configuration of the globalized and connected societies of the contemporaneity.

Keywords: Present Time; Identity; Culture; Social Networks.

Introdução

Se de fato existe uma problemática para a historiografia atual – a qual não carrega, nesta consideração, nenhuma conotação negativa - é a preocupação e o trato metodológico acerca do que hoje denomina-se como uma História do Tempo Presente. Para além das dinâmicas e múltiplas faces da contemporaneidade, o historiador do tempo presente pode se deparar com duas avaliações preliminares, que esboçam considerações com seu trabalho: o diálogo efetivo com as demais ciências

humanas, de maneira geral, em razão do(s) objeto(s) a ser(em) analisado(s); e os desafios acerca do trato metodológico e do distanciamento de seus objetos que, para além de sua vivacidade – em razão de seu pertencimento “presentificado” – estabelecem interações diretas com os agentes envolvidos em sua composição.

Igualmente importante, tanto quanto seus desafios, são as preocupações pelas quais o saber histórico pode (e talvez deva) pautar suas (re)considerações: compreender as revoluções e movimentações sociais em curso, de um tempo histórico próximo às próprias percepções do historiador, as quais se relacionam com as diferentes percepções e posições dos homens que, com efeito, são agentes e atores historicizados em processos históricos ativos.

Zygmunt Bauman (1925 – 2017), professor e sociólogo polonês, foi um dos importantes centralizadores das mais diversas ocorrências relativas ao que, em seus conceitos, denominou de modernidade líquida: (de maneira sucinta,) período contemporâneo onde as transformações e as movimentações das relações sociais são tão constantes e dinâmicas que tornam o espectro social incapaz de se manter em dada forma assimilada pelas gerações coexistentes. Com efeito, a incerteza humana acerca das permanências dos valores e regras das instituições, das tradições, das culturas e das diversas formas de organização social, contribuem para o desvencilhar (ou ausentar) das identidades e pactos coletivos outrora válidos e estruturalmente rígidos (BAUMAN, 1999, 2001).

Inferir sobre esse campo de revoluções, ebulições, (re)organizações sociais, incertezas e indefinições – daí a noção baumaniana de liquidez – do tempo presente é o que nos propomos, justamente a partir das concepções e teorizações propostas por Bauman.

Este enquadramento teórico, de movimentação e revolução cultural na sociedade da modernidade líquida, é pautado na compreensão diagnóstica das superações, mudanças e alterações estruturais ou conceituais que se evidenciam nos múltiplos coletivos singulares, separados de sua origem (aparentemente) natural e ordenadas historicamente pelas experiências sociais. Indagar acerca de uma revolução, seja no espectro cultural, político ou econômico, é também se referir às próprias experiências dos homens no tempo, que parece acelerado (KOSSELECK, 2006; DA SILVA, 2015) e, cada vez mais, fluído no tempo presente.

Estabelecendo discussões para nossa proposta, que é a de observar e reconhecer fenômenos e (r)evoluções dos espectros sociais e culturais na

modernidade líquida, Bauman foi convidado, em 2008, pela revista italiana *La Repubblica* de escrever cartas acerca das múltiplas faces da contemporaneidade, que o autor chama de mundo líquido moderno. Tais correspondências, compiladas, resultaram no livro “44 cartas do mundo líquido moderno” (BAUMAN, 2011), publicado no Brasil em 2011 pela Editora Zahar, esboçando análises e interpretações acerca das variáveis culturais e sociais da atualidade. Comentando temáticas como redes sociais, educação, identidade individual e coletiva, consumismo e globalização, Bauman perpassa por diferentes esferas das ciências humanas para buscar, com efeito, corresponder à proposta de diagnóstico do mundo contemporâneo.

Dentre os textos do livro, buscaremos inferir análises sobre as transformações inteligíveis no tempo presente, dialogando com as perspectivas de revisão bibliográfica acerca das obras do autor, em especial as temáticas das cartas “*On-line, off-line*”, “*Estranhas aventuras da privacidade (1, 2 e 3)*”, “*Estrangeiros são perigosos. Será?*” e “*A cultura numa sociedade globalizada*” (BAUMAN, 2011), estabelecendo panoramas e/ou comparativos – guardadas as devidas proporções e possibilidades deste artigo – da perspectiva baumaniana com a sociedade contemporânea. Afinal, na caracterização do tempo presente em diálogo com os pressupostos baumanianos, quais revoluções culturais podem se tornar, ainda que minimamente, inteligíveis?

Em considerações gerais, as discussões desta pesquisa são pautadas no processo de revisão bibliográfica e de questionamento acerca da(s) realidade(s) do tempo presente que Bauman descreve nos textos selecionados, considerando as conceituações e análises do autor como ponto de partida para o nosso objetivo geral que é inferir acerca da ocorrência de revoluções e/ou permanências culturais inteligíveis no tempo presente, delimitadas por nossas temáticas, que são “identidade”, “privacidade”, “socialização” e “aversão ao desconhecido”. A partir dessa proposta central, os objetivos específicos são os questionamentos acerca de como alterações observáveis a partir da socialização humana nas esferas “online e offline”, quais as características que compõem a construção da privacidade e da(s) identidade(s) privadas e públicas (no tempo presente, tão múltiplo) e as relações de sentimento e de pertença, na atualidade, que se relacionam com a aversão ao outro e ao “desconhecido”. Secundariamente, valem-se as indagações acerca das transformações do tempo presente, os novos espectros e as novas dinâmicas sociais, assim como observações possíveis a realidade social contemporânea. Tal dinâmica,

assim como entende Gil (2002), é capaz de abrir um caminho exploratório alternativo, fazendo com que exista maior compreensão do objeto de pesquisa, possibilitando o aprimoramento de ideias e, ainda, descoberta de novas percepções e interpretações acerca do pressuposto.

A hipótese de nossa pesquisa pressupõe a ocorrência de revoluções culturais – ainda em curso – que (re)orientam as experiências sociais de indivíduos e grupos, visto que as possibilidades múltiplas, as inseguranças (pessoais ou públicas) e as variações mais diversas do tempo presente (re)configuram – muitas vezes de forma imprevisível – as identidades, as formas de socialização e, em micro ou macro escala, expressões e manifestações de caráter cultural. Nesse sentido, com o advento das novas tecnologias e do surgimento da esfera virtual de socialização humana, boa parte das relações humanas se organizaram a partir de uma espécie de “zona de segurança”, que não hesita em se moldar de acordo com as possibilidades e necessidades múltiplas que o tempo presente tende a, nessa dinâmica, oferecer.

Na caracterização e desenvolvimento deste artigo, pautamos os referenciais metodológicos e historiográficos nos pressupostos da História do tempo presente, campo que legitimou sua relevância no Brasil a partir das últimas décadas, tendo como bases epistemológicas a ciência histórica. A historicidade e proximidade de experiência temporal, atreladas à multiplicidade de fontes – que por vezes foi tratada como problemática negativa dentro do apego tradicionalista dos historiadores, em relação ao passado – tornam-se, em nosso contexto, catalisadoras de inferências, sob o foco da atuação e correto trato metodológico do objeto. O intuito, portanto, é a responsabilização e adesão à função social do historiador que, em momentos tão críticos para as sociedades democráticas, pode (ou deve) fazer-se ouvir.

Por preocupar-se com elementos temporais do presente, a história do tempo presente dialoga, dentro da historiografia, com marcos da contemporaneidade. Acrescenta-se, com efeito, o cuidado essencial que propõe-se nessa abordagem: o olhar acerca do aproximar e do afastar em relação ao próprio objeto, que se manifesta na historicidade do próprio historiador (BÉDARIDA, 1996; DOSSE, 2012; DELGADO; FERREIRA, 2013).

É nesse contexto do presente, destaca Bauman (2011), que as (aparentes) realidades estão sempre mudando, conectando-nos ou desconectando-nos, conforme as ameaças e alegrias dos novos fluíres. É na liquidez do mundo moderno que as estruturas se modificam, passam (re)alocações e (r)evoluções, sempre nos

surpreendendo: o que hoje é tomado como correto e apropriado, amanhã pode se tornar fútil e lamentavelmente equivocado. É o diálogo com a consideração de Rüsen (2001) que, nesse sentido, caracteriza certa possibilidade/necessidade na re/inflexão do historiador e do saber histórico para que, ainda que reconhecendo a dinâmica e flexibilidade da contemporaneidade, contribua com a sociedade na compreensão das experiências do passado que (re)orientam, em diferentes aspectos, as relações dos homens com seu passado, presente e futuro (RÜSEN, 2001).

Os textos escolhidos da obra de Bauman tratam de temáticas relacionadas com (re)formulações em práticas de manifestações culturais, espaços de interação social, problemáticas das migrações contemporâneas, concepções de vida(s) privada(s), sociedades e indivíduos globalizados. Temáticas, portanto, que contribuem para o questionamento acerca dos movimentos de revolução e de coletividade social.

Bauman (2011) nos alerta para a compreensão desses fenômenos, sob a ótica das ciências humanas, ao mensurar que, para um exame mais detalhado, precisamos separar os fenômenos das nossas rotinas cotidianas viciosas, pelas quais o tempo presente é eficaz em confortar. Em suma, devemos conceber de examinar os objetivos de forma que a aparente “normalidade” seja, com efeito, denunciada como um blefe. “Só depois poderemos desnudar e explorar os mistérios abundantes e profundos que elas escondem, aqueles que nos parecem estranhos e intrigantes” (BAUMAN, 2011, p. 10).

Nas próximas seções, no sentido de validação da análise das (possíveis) revoluções na modernidade líquida, valemo-nos das considerações conceituais de Abbagnano (2007) ao reconhecer que nossas inferências se dão sobre o espectro revolucionário, qualificado como inerente às mudanças inteligíveis das situações e premissas culturais, ressaltando a significância das ocorrências devidas.

Da socialização e identidade(s) na esfera online | off-line

Inegáveis são as transformações nos laços humanos, e em especial a esfera social, advindas da internet. Não apenas por sua conectividade ou capacidade de resposta (praticamente) em “tempo real”, mas pelas novas estruturas e (res)significações culturais que, em certo espectro, se mostraram revolucionárias para a humanidade. A existência de um “novo caminho”, a saber, o da conectividade capaz de ultrapassar limites os físicos, permitiu o desdobramento de novas esferas de

interatividade e novos mecanismos de manifestações – e sequente socializações – humanas. Os 127 milhões de acessos mensais ao Facebook no Brasil, apenas no primeiro trimestre de 2018³⁶, identificam a expansão e alcance desse novo espaço nos núcleos de interação humana. Esse “poderio”, e aqui tratado em dados numéricos superficiais de apenas uma rede social disponível no Brasil, já seria – por si só – objeto de maior diagnóstico das transformações nas relações do homem em duas esferas: os relacionamentos humanos e a (re)invenção identitária no campo público das informações (criteriosamente?) disponibilizadas online.

O pressuposto baumaniano em “*On-line, Off-line*” considera a fragilidade dos laços e o limite de profundidade das conexões humanas no mundo online, ao passo que o aspecto conectivo relacionado a esfera física está praticamente reduzido a encontros superficiais controlados que, por ventura, venham a ocorrer entre os indivíduos. A socialização do indivíduo na esfera online, portanto, se mostra mais segura e envolta de maior proteção contra as contradições e conflitos que, com efeito, ocorriam na dinâmica da vida off-line.

O principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivo conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, enfraquecendo os laços, muitas vezes impondo o tempo (BAUMAN, 2011, p. 23).

Essa aparente segurança sobre os relacionamentos, sobre o tempo de contato humano e, com efeito, com as condições de socialização dos indivíduos do tempo presente se mostra como uma vantagem para homens e mulheres que se deparam com a liquidez e com as incertezas do tempo presente.

A possibilidade de um encontro virtual com alguém distante, selecionado de acordo com características, gostos e personalidades afins, dentre uma infinidade de escolhas e ainda com a garantia de acabar tudo com um “clique”, parece maravilhoso em uma sociedade em que até mesmo as relações duram enquanto são vantajosas, até algo novo, inesperado e mais interessante ocorrer (FREIRE *et al.*, 2010, p. 04).

³⁶ Informações divulgadas pelo Facebook e analisadas pela plataforma Folha, via portal UOL. Informações adicionais em <https://bit.ly/2vMjK0H> - Acesso em 05 Abr. 2022.

E os novos interesses tendem a ser recorrentes, em razão da sensação de “opções” e “escolhas” que as redes sociais, por vezes manifesta virtualmente na forma de diversos aplicativos – igualmente acessíveis, na mobilidade do dia a dia. Em uma pesquisa voltada a análise da rede social *Tinder*, um espaço virtual de relacionamentos dos mais populares do mundo, Portella (2015) considera – em consonância com as considerações baumanianas – que esses espaços específicos voltados para a relação humana no mundo virtual funcionam como uma espécie de “catálogo humano”, onde mesmo considerando a possibilidade de existência de perfis falsos, a grande parcela dos usuários ainda se expõe e se atualiza, insistindo na utilização dessa plataforma para encontrar/escolher/selecionar relacionamentos e pessoas. Por apresentar um leque de opções humanas, a autora orienta para a fragilidade das relações que, se não fizerem sentido ou ameacem as expectativas, podem ser facilmente descartadas.

Nesse contexto, de exclusão cada vez maior da convivência humana na esfera off-line, a segurança segue fortalecida, ao passo de que minimiza as ações de longo prazo e livra, em certa medida, das tormentas dos equívocos e dos profundos descontroles que impõem o envolvimento humano. São nos valores da nova geração do tempo presente que se manifestam transformações relacionadas ao tempo, a socialização e a identidade.

Contrapondo-se à certas ideias baumanianas sobre as características dos relacionamentos, Nicolaci-da-Costa (2005) argumenta que devemos compreender as expressões culturais da contemporaneidade por outra ótica, inegável aos pesquisadores culturais: os (d)efeitos comparativos que o trato da inserção das tecnologias – e por consequência as formas possíveis de socialização existentes a partir delas – introduzem e problematizam no estabelecimento de considerações generalizadas. Acrescenta, entretanto, que os relacionamentos do tempo presente devem se articular enquanto objeto de discussões atuais, visto não serem modelados por impactos de tecnologias tão recentes ou se tratarem de formas de relacionamentos pouco autênticas e relevantes.

Consideráveis, em nossa perspectiva, são essas tentativas de caracterização das macro manifestações dos relacionamentos na lógica da sociedade líquida, tal como consideram Freire *et al.* (2010), visto serem humanas, ainda que decorram da nova realidade das redes. A fluidez notória da contemporaneidade tem consequências

impactantes nas relações humanas que, por serem espaços abertos (dependendo, necessariamente, do “eu” e do “outro”), são dotadas de efemeridade e vulnerabilidade, descaracterizando a necessidade de longos e fortes laços. Em um contexto de tendências individualistas, a renúncia ao bem coletivo é facilmente aplicada. A descartabilidade dos padrões anteriores de socialização se evidencia ao verificarmos o caráter de “produto” e de “produção” das relações humanas dos tempos líquidos.

A lógica da descartabilidade emerge de uma sociedade em que tudo pode ser consumido. Ora, se tudo pode ser consumido como um bem, adquirido por meio de uma escolha (em meio a várias possibilidades), certamente os grandes e duradouros laços dão lugar às relações efêmeras. Tal processo de ruptura com a solidez oriunda dos laços tradicionais ocorre de maneira radical (...) (FREIRE *et al.*, 2010, p. 02)

Se o relacionar-se, que configura relação de posição de um indivíduo para com outro, já vai sendo moldado em uma condição (mais ou menos) controlável, ainda maior será a preocupação dos indivíduos para consigo mesmo e, conseqüentemente, para com sua identidade. Afinal, “(...) o ser humano ainda busca relacionar-se” (FREIRE, *et al.*, 2010, p. 02) Cada vez mais são disponibilizadas medidas “preventivas” e de “segurança” que limitam aquilo que se é exposto e/ou visível no mundo online: configurações de privacidade, limite quantitativo de solicitações, bloqueios temporários de acesso, reconhecimento facial em fotos alheias, limitação de publicações anteriores, configurações personalizadas para “não amigos”, etc. Ora, em um tempo de continuas transformações (e revoluções) identitárias, políticas e sociais, talvez seja melhor preservar-se daquilo que, um dia, já demonstrou-se ser. E nesse cardápio de exposição da vida alheia, em que organizam-se as redes sociais, são mecanismos extremamente úteis. Útil não apenas enquanto “ferramenta” e recurso da esfera off-line, mas como (res)significação das constantes possibilidades de transformação identitária no tempo presente.

O que mais importa para os jovens é preservar a capacidade de remodelar a “identidade” e a “rede” no momento em que surge uma necessidade (ou, na verdade, um capricho) de refazê-las, ou quando se suspeita que essa necessidade já tenha surgido. A preocupação dos antepassados com a própria identificação, exclusiva e única, tende a ser deslocada pela preocupação com uma reidentificação perpétua (BAUMAN, 2011, p. 24).

Essa reidentificação perpétua faz parte do que Silva (2008) conceituou de “construção de si”: uma espécie de tentativa de consolidação ou criação da imagem que possa mostrar “quem sou eu?” para o mundo online. Para além de uma questão filosófica, a valoração da pergunta está possibilidade de respondê-la mantendo uma “imagem” por tempo determinado, garantida ainda a possibilidade de exclusão ou modificação desse “eu” a qualquer momento.

A composição das identidades, no sentido de constituição de um todo visível e disponível para apreciação na esfera da vida online, parece estar sempre se reinventando, caracterizando aquilo que, em um determinado momento ou com determinada intenção, faz-se interessante. Aquilo que é curtido, reagido, amado ou compartilhado nas redes sociais são igualmente importantes na caracterização de um “eu online”, assim como as imagens (temporárias, de perfil, instantâneas, etc.) que organizam as páginas pessoais individuais.

As identidades se mostram descartáveis, (re)configuráveis e (mais ou menos) válidas e enfatizadas conforme os interesses de determinado momento. Compreender a revolução identitária no tempo presente requer, com efeito, compreender que sua “(...) biodegradabilidade talvez seja o atributo ideal da identidade mais desejável nos nossos dias” (BAUMAN, 2011, p. 24). E grande parte dessa configuração está relacionada ao que Feitosa (2017) caracterizou como um “limbo” da modernidade líquida: um estado de crise permanente, em que a referência de tempo e de identificação está no eterno presente, sem apego as memórias, ao passado e muito menos ao futuro, pouco visível. Essa caracterização coaduna com Portella (2015), que pressupõe estarmos vivendo uma era de inseguranças e, igualmente, de crise das identidades.

Da privacidade (ou sua ausência) no Tempo Presente

Se estamos (ou fazemo-nos) tão expostos nas redes e na vida social, partimos de, ao mínimo, dois questionamentos: fizemos isso por livre e espontânea escolha, adequando-nos a naturalidade da vida cotidiana (extremamente) conectada à internet e ao que dela se fez possível; ou fomos levados (por algum aparato coercitivo) a (res)significar nossa identidade e expor nossas mais íntimas privacidades ao mundo?

As inferências baumanianas em “*As estranhas aventuras da privacidade* (1), (2) e (3)” (BAUMAN, 2011) estabelecem, em linhas gerais, considerações acerca da privacidade e seus elementos dentro do contexto contemporâneo. Em acréscimo, faz um balanço acerca da revolução cultural moderna que estabeleceu bases da modernidade (líquida) em que vivemos.

Bauman (2011) apresenta ideias do sociólogo francês Alain Ehrenberg, estudioso da trajetória do indivíduo moderno, para caracterizar o fenômeno revolucionário cultural significativo que, tal como equivalente ao tiro desferido no arquiduque Francisco Ferdinando que deu início a Primeira Guerra Mundial, transformou a noção de privacidade na contemporaneidade. Foi durante o outono da década de 1980 que, durante um programa popular de entrevistas na televisão, uma mulher chamada Vivienne declarou para milhões de pessoas: a ejaculação precoce de seu marido Michel lhe impedira de ter um único orgasmo durante toda a sua vida.

O que houve de tão revolucionário assim na declaração de Vivienne? Dois fatos: primeiro, tornar público um tipo de informação que até então era considerado a quintessência da ordem do privado, até mesmos seu epônimo; segundo, usar a arena pública para expressar e discutir um assunto de interesse eminentemente privado (BAUMAN, 2011, p. 35).

Aqui decorre a análise dos próprios campos público e privado: compreender as duas esferas requer a sinalização da fronteira que existe entre um e outro, da dificuldade (ou inexistência) de diálogo entre os dois caminhos para se tratar tal íntimo assunto. De fato, “intimidade” e a “privacidade” são dois dos campos mais expostos da vida online. São fotos pessoais, marcações, check-ins, localizações em tempo real... Mostrar-se e localizar-se, com o devido acompanhamento das (esperadas) interações que isso também gera, fazem parte da exposição diária dos indivíduos. Exposições que, mesmo com aparentes mecanismos de controle, estão passando muito além das cessões ou restrições dos usuários³⁷, ultrapassando os “aceites dos termos de uso” das diversas plataformas. O uso de imagens sem os devidos direitos na rede, também, parece estar fora de controle. Ataques hackers e outros crimes também são cometidos, vazando vídeos, fotos e outros fragmentos que transportam para o público aquilo que, outrora, ocupava-se de ser mantido no privado.

³⁷ A lembrar as recentes crises e descobertas de vendas de informações sigilosas do Facebook, por exemplo, que estão para além dos aceites e declínios que impõem as regras de utilização das redes sociais. Tais possíveis discussões não serão colocadas em questão, visto opção de recorte.

A outrora ação de manutenção da privacidade, pontua Bauman (2011), esteve ligada a concepção cultural dos nossos ancestrais que, considerando a ameaça da invasão da esfera pública na privada (seja pelos mecanismos aparelhados dos Estados ou dos diversos “poderes” e seus tentáculos), ocupavam-se da defesa de seu mais íntimo e privado dos “poderes” externos e públicos. Décadas atrás, as pessoas costumavam aceitar de bom grado ou relutar contra as invasões das instituições ou da esfera pública em relação ao meio privado; mas, diferente da atualidade onde expomos o privado ao público com frequência e por (muitas vezes) escolha, as gerações anteriores jamais admitiam à esfera pública a “(...) função suspeita de bisbilhoteira a espionar através das cortinas os assuntos particulares dos outros” (BAUMAN, 2011, p. 38).

Couto (2015) argumenta que a questão da privacidade e da identidade no mundo líquido é um valor atrofiado, sobrevivendo como “fantasma” a partir da cultura digital: em linhas gerais, o tempo presente valoriza a exibição particular do “eu”, bem como assiste a exposição “do outro”, munindo o espaço virtual de intimidades reais ou inventadas – daí seu caráter fantasmagórico e espectral. A vida privada tal qual existira antes, afirma Couto (2015), não passa de uma nostalgia devoradora, que se alimenta dos diferentes espetáculos que a vida virtual tende a exhibir.

Um importante exemplo desta seletiva publicização do privado no tempo presente é evidenciado por Rigo (2012), em relação a temática da morte e do luto. Para o autor, as redes sociais estão criando um modelo de mundo idealizado, como substituição ao mundo real, em uma reconfiguração da perspectiva acerca da morte, onde ela não mais exista, e onde pessoas falecidas apenas “alterem sua morada”. Nesses espaços ocorrem – pelo fato de lá ser mais possível – a maquiagem da realidade, de acordo com a necessidade da perpetuação seletiva do que os usuários decidem tornar público. As manifestações e considerações sobre a morte e sobre o luto alheio nesses espaços, por exemplo, são consideradas por muitos como oportunidade de marcação de presença ou de atualização, pouco acrescentando a manifestações de empatia no plano físico, tais quais eram seguidas por gerações passadas.

A questão limítrofe da privacidade e as relações que são estabelecidas no propósito de explicitar uma (das) faceta(s) públicas do “eu” contemporâneo também devem ser consideradas. Ainda que exista esforço na determinação de uma imagem do “eu” pessoal no tempo presente, a sua simples idealização permeia uma relação

intrínseca com o “outro”. Talvez aí permeie tanto a dificuldade do “caracterizar-se”, relacionado a criação de uma identidade própria (aceita, compartilhada, idealizada, etc., no mundo online/offline) quanto a necessidade de torná-la pública, ultrapassando os espaços da própria privacidade. É o diagnóstico simbólico que Bauman (2011, p. 39) explicita ao considerar que

De fato, como cada um de nós aprendeu (...) não cabe somente a mim dizer quem eu sou ou o que sou. Em meu desacordo e continuo debate com os que me cercam sobre “quem ou o que sou”, ouvem-se muitas vozes, com frequência bastante dissonantes.

Nessa espécie de jogo disponível para a “reinvenção” da identidade, que se relacionada com a imagem que desejo mostrar e que o outro interpreta, nota-se a cessão voluntária de certas características de defesa da privacidade, visto que o que se pretendia anteriormente privar já não é imutável e, com efeito, pode se (re)configurar. Aquilo que se dispõe enquanto “imagem do eu” está fadado ao consumo público. E, por assim estar, jamais estará estabelecido como “para sempre”. Ao mesmo passo, com efeito, a estrita defesa do privado (de outrora) se torna indesejável. E essa flexibilidade é algo característico da cultura e sociedade do tempo presente.

Numa surpreendente inversão dos hábitos dos nossos ancestrais perdemos de certa forma boa parte da coragem, energia e vontade para persistir na defesa da “esfera do privado”. Nos nossos dias, não é tanto a possibilidade de traição ou violação da privacidade que nos assusta, mas seu oposto: fechar todas as saídas do mundo privado, fazer dele uma prisão, uma cela solitária ou uma masmorra do tipo em que antigamente desapareciam as pessoas que perdiam as boas graças do soberano, abandonadas no vácuo da despreocupação e do esquecimento públicos – o dono desse “espaço privado” é condenado a sofrer para sempre as consequências de suas ações (BAUMAN, 2011, p. 41).

A tal inversão dos ancestrais hábitos de defesa da privacidade, destacada por Bauman, dá lugar a um outro tipo de experiência no tempo presente, que Koehler e Carvalho (2013) identificaram como a impossibilidade seletiva de existir na sociedade de forma anônima: expor-se e publicizar-se está intimamente ligado a presença simbólica dos indivíduos no espaço virtual de interação social.

Do (aversivo) desconhecido e da “mixofobia”

Tal como a incerteza e as diferenças que convivem no tempo presente, sejam nas esferas cultural, social ou econômica, também é possível certa análise para com o “outro”, para com o “desconhecido”. O encarar desse desconhecido propõe, em certa perspectiva, a compreensão – e por que não criação? – de laços que permitam o vislumbre de um determinado “sentimento coletivo de pertença” que nos assemelhe em face do (aparente e eminente) crescimento do “desconhecido”. No contexto do crescimento da dinâmica e das relações sociais urbanas, notamos a compreensão mais inteligível dessa noção na figura do “estrangeiro”: é neste espectro “externo”, “estranho”, “diferente” do outro que se centralizam e manifestam opiniões que parecem “prever o perigo”. Ora, é na carga negativa e extremista da xenofobia que se manifestam as mais inaceitáveis justificativas de aversão ao desconhecido. É aqui que (homens, Governos, Instituições) recorrem às ideias que justifiquem a “criação de muros”, em tempos humanitários de necessária “construção de pontes, diálogo e abertura de novos caminhos”.

Os estrangeiros também propiciam uma válvula de escape, uma solução conveniente e cômoda para nossos temores inatos do desconhecido, do incerto, do imprevisível. Expulsando os estrangeiros de nossas casas e ruas, fazemos uma espécie de exorcismo dos fantasmas aterrorizantes da insegurança que nasce da incerteza, ao menos por um instante: queimamos no fogo, pelo menos em efígie, o monstro fugidio que nos irrita e horroriza (BAUMAN, 2011, p. 190).

É na figura do estrangeiro que reside o perigo da contemporaneidade, mensura Doula (2018), ao expor acerca da (co)existência do outro, em um mesmo mundo. As migrações recentes, que se movimentam a partir de fatores difusos em misteriosos que se impõem sem nosso consentimento ou compreensão – motivado por fatores econômicos, sociais, políticos, etc. – colocam o estrangeiro como mensageiros das más notícias e da insegurança, expondo a fragilidade das posições sociais e das identidades do mundo líquido moderno. As fronteiras de outrora (geográficas, linguísticas, culturais e econômicas) davam um seguro contorno ao mundo, quase que enquadrando as posições em um tabuleiro. É justamente em sua atual condição, superada, líquida e tão múltipla, que surge o terreno fértil para a explosão de sentimentos aversivos e de discursos que cultivam a criação de muros (simbólicos ou

concretos) que aparentam colocar, como única solução, a “separação” e “exclusão” do “outro”. Tal solução, pontua Doula (2018) é igualmente fácil e traiçoeira.

Voos (2018) articula a afirmação de que é na imagem do imigrante que a sociedade atual pontencializa a soma de todos os medos. É por isso que, segundo sua linha de pensamento, que encontramos certos processos de “demonização” do outro, ponderado em políticas públicas de aversão ao imigrante – por exemplo –, classificando os imigrantes como sujeitos de risco, aflorando o preconceito. Além disso, o fluxo migratório contemporâneo aflora certos traços de identidade advindos da cultura que o imigrante carrega. Na observância de traços da “identidade original”, que claramente se distancia dos padrões locais, ocorre a contaminação da imagem do imigrante, associando-o cada vez mais ao perigo e a criminalidade.

O catálogo de medos contemporâneos ganha mais uma ilustração: a do imigrante que vem “surrupiar” empregos e “usurpar” direitos e garantias fundamentais em um sistema econômico em crise, e com um mercado de trabalho cada vez mais exigente e acirrado (DIEL, WERMUTH, 2016, p. 10).

Silva (2016) identifica, em sua abordagem acerca dos espaços urbanos, que é no cotidiano da sociedade contemporânea que se faz presente o desejo de caracterizar e repelir as “ameaças”. Ameaças que, acrescentamos, se relacionam com as considerações particulares dos encontros entre os diversos “eu’s” com os “outros”.

A mudança aqui, advinda da liquidez da modernidade, está relacionada ao que Bauman (2011) classifica como uma aproximação coletiva dos indivíduos, que visa conforto e certa noção de segurança, mesmo em meio a um mundo com referenciais totalmente diversos. Essa aproximação evoca, com efeito, detrimento e aversão para com o desconhecido. Mas essa condição se infiltra, se esconde, muitas vezes, pela necessidade de convivência. Aproximação e aversão que se manifestam e emergem, por exemplo, quando os variáveis “gatilhos” (discursos políticos, extremistas, conservadores, etc.) ganham força social. Já que o tempo presente exige certo grau social de convivência, observa-se o aparato para um novo modo de viver que preze por isso.

Dado que a proximidade com os estrangeiros é uma sina que os urbanos não podem negociar, deve-se pensar, tentar e testar um *modus vivendi* para tornar palatável a convivência e facilitar a vida. O modo como resolvemos essa necessidade é uma questão de escolha. Fazemos escolhas todos os dias: por obrigação ou omissão, de propósito ou por falta de opção; por uma decisão consciente ou por seguir cega e mecanicamente os costumes; por deliberação e demoradas discussões, ou apenas seguindo padrões confiáveis porque estão na moda. Desistir completamente da busca de um

modo melhor de convivência com o estranho e o estrangeiro é uma das escolhas possíveis (BAUMAN, 2011, p. 191).

Nessa desistência, caracteriza-se a *mixofobia*³⁸: “(...) o impulso de construir ilhas de similaridade e identidade em meio a um oceano de diversidade e diferença” (BAUMAN, 2011, p. 191). Essa espécie de “isolamento coletivo” é um dos traços marcantes e que configuram o tempo presente. É uma promessa, para Bauman (2011), de conforto espiritual e de um sentimento de grupo que torna redundante qualquer esforço de compreensão, negociação e conciliação para com o outro. E esse prejuízo é incalculável.

Quanto mais tempo gastamos preocupados com a ameaça de todo e qualquer estrangeiro, menos tempo passamos na companhia deles, pondo à prova nossa preocupação. Quanto mais se perde a capacidade de “tolerância e valorização do inesperado”, menos é possível enfrentar, lidar com, desfrutar de e apreciar a vitalidade, variedade e pujança da vida. Viver trancados dentro de um condomínio fechado a fim de afastar os medos é o mesmo que escoar a piscina para ter certeza de que as crianças vão aprender a nadar em completa segurança (BAUMAN, 2011, p. 196).

É ainda Voos (2018) que compreende a força da mixofobia como resultante do conjunto dos medos e inseguranças que o imigrante trouxe ao cenário em que migrou. Nesse contexto de posicionamento do “eu” para com o “outro”, no sentido de constatação da grande diversidade humana e cultural, valemo-nos também do que sintetiza Rigo (2012) acerca do mundo virtual e das redes sociais, que também contribuem para o conforto e para a busca das similaridades. Para o autor, redes sociais fazem parte da rotina de milhões de usuários por seu caráter “agregador”, uma vez que ela preenche parte da necessidade de pertencimento e de similaridade, em meio a tanta diversidade. Aqui o paralelo com Bauman, no sentido desse espaço apresentar certo “conforto” e certa “segurança” que permita manter afastado o “outro”, o “desconhecido”, aquele que se faz indiferente para o “eu”.

Considerações Finais

³⁸ O termo Mixofobia é caracterizado por Bauman (2011) com o derivado do grego *mixis* (mistura) e *phobos* (fobia, medo intenso). Faz referência ao medo incondicional da mistura e descreve a forma dominante do racismo associado ao nacionalismo exacerbado.

Se essa considerável revolução cultural, tal como destacada por Bauman e Ehrenberg, trazem aspectos inteligíveis para o tempo presente, não podemos desconsiderar que, com efeito, sua trajetória ainda pode estar em curso. Com efeito, nem mesmo as margens (aparentemente) mais definidas de um rio são capazes de conter o seu fluir. Ainda que as discussões elencadas até aqui caracterizem um escopo de análise, devemos considerar sua parcialidade. E tal parcialidade é considerada por Bauman (2011), na continuidade de suas discussões no texto acerca da *“Cultura em uma cidade globalizada”*. E aceitar o fenômeno da (multiplic)ação dos movimentos migratórios atuais – e seus consequentes impactos – é o primeiro passo no processo de inteligibilidade do fenômeno revolucionário cultural no tempo presente.

E a própria concepção cultural de migração na modernidade, acrescenta Bauman (2011), passou por um histórico processo de (r)evolução. A primeira fase foi o que o autor chama de “emigração dos centros modernos”, com as metrópoles e colônias em movimentação; e a segunda fase como “a emigração dos impérios para as metrópoles”³⁹. Entretanto a terceira fase, visível no tempo presente, se diferencia das duas fases anteriores em razão da intensificação das migrações humanas e da multipolarização. Nesse contexto, estamos em constante processo de mudança, adaptação e reorientação.

Nessa nova dinâmica social do tempo presente, identificamos emergentes novas formas de socialização, em específico ao mundo virtual, que historicamente ganharam espaço por, de certa maneira, garantir maior segurança e conforto para os usuários, evitando confrontos que são tão característicos das relações humanas. Da mesma forma, existe hoje uma diferente percepção acerca das relações dos indivíduos com questões identitárias, garantida pela possibilidade constante de uma espécie de “reinvenção pública do eu”, modelando – também por meio do mundo virtual – o que se deseja “mostrar ser”. Para além da possível limitação de exposição no mundo virtual, tratamos de uma nova (mas nem tanto!) forma de manutenção e seleção de vínculos humanos, que embora estejam alocadas em “servidores e redes”, fazem sentido para grande parte da sociedade do século XXI.

Em um contexto histórico marcado pelas diferenças e pela multiplicidade cultural, acreditamos que a publicização da privacidade na esfera online seja uma tentativa de estabelecer, em alguns aspectos, semelhanças e aproximações. Ao criar

³⁹ Para mais detalhamento conferir BAUMAN (2011), p. 181-182.

uma “imagem pública” no mundo virtual, podemos estar mais abertos para o encontro (ou para a seleção) daqueles aos quais os indivíduos desejam aproximação. Da mesma maneira, nota-se que ao menor risco ou alerta essas imagens públicas podem ser alteradas, reorientando as expectativas acima descritas.

De fato é inegável que no tempo presente, em nossas limitadas considerações e inferências, a questão cultural seja abalada e (re)orientada a partir das experiências sociais dos mais diversos grupos. As relações humanas, sustentadas a partir do contato, do face a face, de manifestações públicas e privadas, são importantes pontos de nossa principal característica: a socialização. A socialização de outrora talvez tenha perdido espaço para os novos “ambientes de socialização virtual”, mas ainda são parte de nosso campo social de interação. Seja qual for a abordagem e o objeto, como buscamos apontar nas seções anteriores, observamos indicativos que representam uma transformação histórica acerca da cultura que, nas considerações de Abbagnano (2007), refletem micro ou macro manifestações que resultam em revoluções estruturais, seja na questão dos movimentos e relações sociais, seja na cultural. Os fluxos e incertezas do tempo presente vem a elevar a necessidade de continuidade de análise e inferência, sem perder a consideração do homem com seu tempo. E a esse homem do tempo presente são ofertadas inúmeras possibilidades de experiências. Experiências essas que, com efeito, interferem na relação dos homens em suas experiências sociais, privadas ou públicas, bem como nas dinâmicas questões da alteridade e da (re)identificação perante si e o mundo.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Vida líquida**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. Trad. Luiz A. Mendes. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 64-89.
- BENTIVOGLIO, Julio; DURAN, Maria R. C.. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. **Dimensões**, Vitória, n. 30, p. 213-244, 2013.
- COUTO, Edvaldo de S.. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, 2015.
- DA SILVA, Ricardo O. Revolução, história e tempo. **Revista História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 15, n. 1, p. 252-268, 2015.
- DELGADO, Lucilia A. N. FERREIRA, Marieta M. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, Natal, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.
- DIEL, Aline Ferreira da Silva; WERMUTH, Miguel Ângelo Dezordi. O Diabo é o Estrangeiro! O imigrante como sujeito de risco e a seletividade das políticas de migração internacional em dissonância aos direitos humanos no Brasil. **Anais do Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, Santa Cruz do Sul, 2016.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. Trad. Silvia M. F. Arend. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 05-22, 2012.
- DOULA, Sheila M.. Migrantes, Refugiados e Globalização da Indiferença. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 30-35.
- FEITOSA, Rodolfo R. S. Crise, uma condição intrínseca à modernidade: realidades e horizontes da sociedade contemporânea. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 541-546, 2017.
- FREIRE, Brena; MACHADO, Diolene; QUEIROZ, Fabrício; BEZZERA, Larissa; FREIRE, Rafael S.; VASCONCELOS, Andreza J. V.; CRUZ, Kalyinka. **Paixão, ciúme e traição**: a “liquidez” das relações humanas no ciberespaço. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/aavv-paixao-ciume-e-traicao.pdf>>. Acesso em: 05 Abr. 2022.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- histórica. Trad. Estevão R. M. Brasília: Editora UnB, 2001.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma P. Maas. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ama M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, 2005.

RIGO, Kate F.. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberspaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da Imortalidade de Zygmunt Bauman. In: **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST.**, São Leopoldo, 2012. p. 460-476.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de R. Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001

KOEHLER, Cristiane; CARVALHO, Marie J. S. O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 20, n. 2, 2013.

SILVA, Alanna M. Lima. Reflexo do medo na formação dos espaços urbanos à luz de Bauman: alternativas propostas pelo direito à cidade. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, Recife, v. 3, n. 2, 2016.

SILVA, Claudia R. **Imagem e identidade no ciberespaço**: a significação social dos perfis do Orkut. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. São Paulo, p. 178. 2008.

PORTELLA, Lauren. **As redes sociais digitais e o conceito de amor líquido de Zygmunt Bauman, no caso do aplicativo tinder**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo e Comunicação Social) – Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, p. 43. 2015.

VOOS, Ana P. Both. **O desafio da identidade frente a mixofobia e o direito penal do inimigo**: o imigrante como “sujeito de risco” no cenário brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso em Direito – UNIJUI, 2018. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/5490/YANA%20PAULA%20BOTH%20VOOS.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 Abr. 2022.

AUTORES



Andréa Pereira dos Santos

Professora do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. Coordenadora de Projetos de Ensino FIC/UFG. Coordenadora do Curso de Biblioteconomia EaD /UFG. Pós-doutoranda em Ciência da Informação ECI/UFMG.

Arthur Henrique Lux

Mestre em História Social (UEL/PR); Doutorando em História (UFPR). Contato: arthurhlux@outlook.com

Claudilene Castro de Lima

Graduanda no Curso de Dança Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas. Membro da Equipe do Projeto de Pesquisa Mapeamento da Dança no Rio Grande do Sul - UFPel. Bolsista voluntária do Projeto de Extensão Bailar – Núcleo de Dança na Maturidade - UFPel. Bolsista no PIBID –Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-UFPel. Aluna-Pesquisadora no Projeto de Pesquisa Literacampo – UFPel.

Daiana de Moura Etcheverria

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2018). Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2020). Concluindo segunda graduação em Pedagogia. Concluindo especialização em Neuropsicopedagogia Clínica.

Daniela Llopart Castro

Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Motricidade Humana na Especialidade de Dança pela Universidade de Lisboa. Professora Adjunta do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa ÔMEGA e GEEDAC (Cnpq). Coordenadora do Projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade. Colaboradora do Projeto Tendências epistemo-metodológicas da produção de conhecimento em Artes. Diretora artística do Baila Cassino Grupo de Dança. Atualmente coordenadora da Câmara de Extensão do Centro de Artes (UFPEL).

Giovanna Loureiro Abbate

Graduanda do 6º semestre de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade de Sorocaba (Uniso).

Larissa Andrade Batista Cavalcanti

Bibliotecária (UnB). Especialista em Letramento Informacional (UFG). Mestranda em Comunicação (PPGCOM/UFG).

Naason Galdino da Silva Neris

Graduado em Jornalismo pela PUC Minas e em Letras (Português/Inglês) pela UEG.

Natalia Cristina de Camargo

Graduanda no Curso de Dança Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas. Bolsista do Projeto Unificado Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade - UFPel. Artista do Grupo Tholl.

Vítor Neves de Oliveira

Analista de comunicação e pós-graduando em Comunicação e Marketing pela PUC Minas.

Viviane Maia Vilas Boas

Professora, coordenadora do curso de Jornalismo do campus Coração Eucarístico e chefe do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas. Mestre em Comunicação Social pela UFMG.

ISBN 978-658997657-8



9

786589

976578